

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

CARLOS GABRIEL FERREIRA DA SILVA

**BATALHA CONTRA GAUDÉRIO:
*REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES INFANTIS NOS PRIMEIROS ANOS
DE PUBLICAÇÕES DA REVISTA “O TICO-TICO” (1905 – 1906)***

UBERLÂNDIA
2020

CARLOS GABRIEL FERREIRA DA SILVA

**BATALHA CONTRA GAUDÉRIO:
*REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES INFANTIS NOS PRIMEIROS ANOS
DE PUBLICAÇÕES DA REVISTA “O TICO-TICO” (1905 – 1906)***

Relatório técnico apresentado ao curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Área de concentração: Tecnologias e Interfaces da Comunicação (TIC).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Raquel Discini de Campos

**UBERLÂNDIA
2020**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 2020	<p>Silva, Carlos Gabriel Ferreira da, 1992- Batalha contra Gaudério [recurso eletrônico] : Representações das masculinidades infantis nos primeiros anos de publicações da revista "O Tico-Tico" (1905 – 1906) / Carlos Gabriel Ferreira da Silva. - 2020.</p> <p>Orientadora: Raquel Discini de Campos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.484 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Educação. I. Campos, Raquel Discini de, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.</p>
--------------	--

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Mestrado Profissional, número 10/2020/112, PPGCE				
Data:	Trinta de Junho de dois mil e vinte	Hora de início:	10:00h	Hora de encerramento:	12:15h
Matrícula do Discente:	11812TCE005				
Nome do Discente:	Carlos Gabriel Ferreira da Silva				
Título do Trabalho:	Batalha contra Gaudério: representações das masculinidades infantis nos primeiros anos de publicações da revista "O Tico-Tico" (1905 - 1906)				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Os álbuns ilustrados do interior paulista: projetos, circulação, materialidade				

Reuniu-se em web conferência pela plataforma Mconf-RNP, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Tania Regina de Luca - UNESP; Marcelo Lapuente Mahl - UFU; Raquel Discini de Campos - UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Raquel Discini de Campos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público (online), e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por Raquel Discini de Campos, Professor(a) do Magistério Superior, em 30/06/2020, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Marcelo Lapuente Mahl, Membro de Comissão, em 30/06/2020, às 12:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Tania Regina de Luca, Usuário Externo, em 30/06/2020, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Vanessa Matos dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior, em 30/06/2020, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2106896 e o código CRC A274DF9E.

AGRADECIMENTOS

Henrique nasceu no final de dezembro de 2018, quatro dias antes do meu aniversário, e inaugurou uma ala completamente inédita no meu coração. Esse menino de pouco mais de um ano transformou cada detalhe da nossa família e da nossa intimidade em casa. É ele quem atrai os olhares atentos quando estamos juntos. O meu sobrinho nasceu quando eu já estava no final do primeiro ano do curso de mestrado e a sua presença – na minha escrita e nas minhas reflexões – é inevitável. Entender um pouco da construção das masculinidades na infância surge desse carinho em vê-lo crescer e tornar-se, cada vez mais, quem é. Obrigado, menininho.

Agradeço, de igual forma, a meus pais e a minha irmã. Que possamos estar cada vez mais juntos, celebrando algo.

Ao Gabriel, meu companheiro há mais de oito anos, pela partilha de memórias, sentimentos e conhecimento. Foi também durante o mestrado que começamos a compartilhar o nosso espaço e tê-lo ao meu lado transformou o processo de desenvolvimento desse trabalho mais seguro e confortável.

À Raquel Discini, pelo sorriso sempre largo e o olhar sincero e respeitoso quando havia percalços em nossa trajetória na pós-graduação. Fico imensamente feliz em ter me matriculado nas aulas de Imprensa, Gênero e Educação ainda na graduação. Nada, nada, nada é capaz de ocupar a saudade dos nossos encontros às sextas-feiras pela manhã.

Aos meus amigos e colegas, em especial Gabriela Gomes, Georges Dib, Nasser Pena e Heloir Schwaickardt, pelas manhãs de trabalho. Espero que possamos continuar juntos nesse caminho de realização de algo que acreditamos, sempre com empatia e impulso. Ainda, à Lara Rodrigues, pela leitura e revisão afetuosa.

*Homenzinho miúdo, homenzinho miúdo,
Solta o seu canarinho que ele quer voar...
Eu sou o canarinho, homenzinho miúdo,
Me deixa pular.*

*Estive na sua gaiolinha, homenzinho miúdo,
homenzinho miúdo, mas que gaiola você me dá,
digo miúdo porque você não me entende,
nem nunca me entenderá.*

*Nem eu também lhe entendo, mas enquanto isso
abre logo esta gaiola, que eu quero escapar;
homenzinho miúdo, eu te amei por meia hora,
não me peça mais.*

Alfonsina Storni

RESUMO

O Tico-Tico é considerado pela historiografia como a primeira publicação brasileira voltada ao público infantil. Nasceu em 1905, a partir da *Sociedade Anônima O Malho*, sob o comando de Luís Bartolomeu de Souza, com o objetivo de distrair, recrear e auxiliar no processo de transformação das crianças brasileiras em futuros cidadãos íntegros e saudáveis. Tal ensejo de renovação se dá em um contexto do diagnóstico, por parte considerável de grupos intelectuais brasileiros, de que o país era atrasado, enfermo e analfabeto. Em um momento em que o jornalismo infantil começava a dar os seus primeiros passos no mercado editorial brasileiro, foi *O Jornal das Crianças* que abriu as portas a grandes ilustradores e cronistas daqueles tempos. Este relatório técnico apresenta a proposta do catálogo temático “Batalha contra Gaudério”, que analisa e realiza uma releitura das representações dos meninos sob os eixos temáticos do trabalho, castigo e corpo. O trabalho se dá à luz das teorias oriundas dos campos da História Social da Imprensa e da História Cultural, além de alicerçar-se sob as teses de Philippe Ariès (família e sentimento de infância) e Joan Scott (gênero).

Palavras-chave: infância; masculinidades; *O Tico-Tico*; imprensa.

ABSTRACT

O Tico-Tico is considered by historiography one of the first Brazilian magazines for children. It was created in 1905 by *Sociedade Anônimo O Malho*, headed by Luiz Bartolomeu de Souza with the purpose of entertaining, recreating and also assisting in the process of transforming Brazilian children into healthy and upright citizens. *O Tico-Tico* emerged within a feeling of renewal from several Brazilian intellectual groups that the country was overdue, diseased and unlettered. When children's journalism started to rise, *O Jornal das Crianças* opened doors to great illustrators and writers. This report introduces the proposal of a thematic catalog “Batalha contra Gaudério” (“Battle against Gaudério”, in English), which analyzes and really about boys representations about work, punishment and body from 1905 and 1906. Therefore, we used Social History of The Press and Cultural History Representations theories, and also build on the Philippe Ariès theses’ (Family and awareness of infancy) and Joan Scott’s (gender).

Keywords: childhood; masculinities; *O Tico-Tico*; press.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** *O Tico-Tico* em sua primeira edição. 13
- Figura 2:** Na edição 29, revela-se que os contos ilustrados d'*O Tico-Tico* eram base para o ensino em Fortaleza. 15
- Figura 3:** A segunda publicação de 1906, datada de 10 de janeiro, evoca o sentimento do novo ano, ilustrado enquanto um pirralho, similar a um putto. Atravessando as cortinas levantadas por um pássaro, o primeiro presente do garotinho, que já carrega brinquedos nos braços, é o próprio *O Tico-Tico*. No rodapé, os pedidos para o novo ano são a satisfação do público do periódico. 17
- Figura 4:** As seções "O que os meninos não devem fazer" eram publicações recorrentes nas páginas da revista. Na edição 36, de 13 de junho de 1906, o reforço de que o ato de fumar "estraga o organismo". Outros exemplos da seção eram o pedido às crianças para não mentir, beber e jogar competições de azar com a justificativa de que atrasaria o desenvolvimento delas. 22
- Figura 5:** Na edição 30, de 2 de maio de 1906, o destaque à importância da leitura e da escrita. 25
- Figura 6:** Resquícios de uma antiga representação infantil? Na edição 54 d'*O Tico-Tico*, de 17 de outubro de 1906, duas crianças são ilustradas como adultos em miniatura, com feições e características de pessoas já adultas. 28
- Figura 7:** Na edição 35, de 6 de junho de 1906, Chiquinho, um dos principais personagens da revista, apanha de sua mãe após se recusar a ir visitar a avó. 35
- Figura 8:** Na primeira edição da revista, o castigo físico já era ilustrado como uma forma de responder a atitudes consideradas grosseiras. 37
- Figura 9:** Por numerosas vezes *O Tico-Tico* reforçou às crianças a formação nas áreas de trabalho que tinham como foco a geografia, a mecânica, a eletricidade e a matemática. Dessa forma, segundo a revista, seria possível o homem "se tornar celebre e ficar riquíssimo", como destaca a ilustração abaixo, publicada na edição 35, de 6 de junho de 1906 na seção "A arte de formar brasileiros". 42
- Figura 10:** Crianças negras presentes nas ilustrações da edição nº 40, de 11 de julho de 1906. 43
- Figura 11:** Publicada na edição 41, de 18 de julho de 1906, os editores d'*O Tico-Tico* ironizam, por meio da narração cômica das duas crianças, a relação entre os pais. 45

Figura 12: Publicada na edição 24, de 21 de março de 1906, a ilustração reforça a narrativa de Beauvoir, em que "meninos, assustados com a dura independência a que são condenados, almejam então ser meninas" (1967, p. 12). 48

Figura 13: Em um dos anúncios d'O Tico-Tico, a presença do pai na narrativa dos meninos é vista como uma manifestação de alta confiabilidade, que determina padrões e funda comportamentos. A publicação é datada de 17 de janeiro de 1906, na edição 15. 55

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS	12
2.1 Às quartas, recebemos <i>O Tico-Tico</i>	12
2.1.1 Cartografar o presente, antecipar o futuro	15
2.1.2 A ascensão do leitor d' <i>O Jornal das Crianças</i>	19
2.2 As idades da infância	25
2.2.1 O lento surgimento dos sentimentos de infância e família	26
2.2.2 A disciplina da criança bem-educada	30
2.2.3 A efêmera formação das crianças brasileiras: uma breve descrição do contexto histórico na criação d' <i>O Tico-Tico</i>	40
2.3 Gênero: uma questão sempre aberta	45
2.3.1 Uma categoria de análise para estudar a história	46
2.3.2 O <i>corpo</i> masculino e a identidade nacional	51
3 O CATÁLOGO <i>BATALHA CONTRA GAUDÉRIO</i>	57
3.1 As particularidades do mundo	57
3.2 O catálogo como proposta de arte	60
3.3 Relato do desenvolvimento do trabalho	63
3.4 Exequibilidade e aplicabilidade	68
4 CONSIDERAÇÕES	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

1. APRESENTAÇÃO

Entender como se forma o presente em relação aos registros do passado. Com tantas descobertas, o que há ainda a ser solucionado? Perguntas genéricas que perpassam a mente de alguém que realiza o processo de uma pesquisa que se propõe a estudar as particularidades de algo que já findou, mas que ainda permanece. Nesta proposta de investigação de mestrado profissional, pretendemos entender um fenômeno cultural que se deu no início do século passado a partir de uma das principais revistas editadas ao público infantil.

No Rio de Janeiro, mais especificamente em novembro de 1905, surgia o *Jornal das Crianças*, intitulado *O Tico-Tico*. Publicado pela Sociedade Anônima *O Malho*, *O Tico-Tico* é considerada a primeira publicação periódica genuinamente voltada ao público infantil. Para sermos mais exatos, aos meninos de até 12 anos. *O Tico-Tico* atravessou as Grandes Guerras, a ascensão das ditaduras, o surgimento do fordismo e, no Brasil, o início da Era Vargas.

O Tico-Tico prevaleceu como uma importante revista infantil de grande abrangência em suas três primeiras décadas. A partir dos anos 30, contudo, novas publicações (como a revista *Suplemento Juvenil*) surgiram no Rio de Janeiro e eclipsaram a revista. Entre 1935 e 1940, os personagens norte-americanos foram inseridos n' *O Tico-Tico* como forma de equiparar às novas publicações nacionais. A qualidade do material, contudo, foi criticada. Em 1940, a revista retoma o seu projeto inicial, tentando manter inalterado o perfil editorial da publicação. Durante 20 anos, cresceram, contudo, páginas voltadas ao entretenimento, que deixavam de lado as atividades motoras ou desafiavam o intelecto dos leitores. Com a chegada da TV ao Brasil em 1950, a revista lentamente esvaiu-se diante da nova tecnologia e durou até janeiro de 1962.

Em minha formação acadêmica, realizei o mesmo movimento de questionamento sobre as masculinidades diante da *Recreio*, uma revista criada nos anos 2000 que levava às crianças curiosidades, brincadeiras e histórias em quadrinhos. Durante o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), analisei quatro edições de dois momentos da revista, os anos 2000 e 2014. A minha proposta era identificar como as masculinidades se construíram na revista infantil por meio de textos, imagens, fotografias e outras nuances narrativas a fim de comparar os dois momentos de sua história. A *Recreio* pertencia à *Editora Abril* até 2014, quando foi vendida à *Editora Caras*. A revista foi finalizada quatro anos depois, descaracterizada de seu projeto editorial original e longe do público-alvo. Uma trajetória similar ao que aconteceu com *O Tico-Tico*.

O trabalho aqui projetado, de certa forma, é a continuação desse itinerário, com a proposta, contudo, de *viajar* para outro momento da história da imprensa nacional. A escolha d'*O Tico-Tico* surgiu a partir de suas particularidades e de sua capacidade de inserção no cotidiano dos garotos no início do século XX. Os seus índices de exemplares variavam entre 20 mil e 100 mil por edição! Nas páginas d'*O Tico-Tico*, há personagens que exprimem experiências, trajetórias, que são referências de masculinidades nesta complexa trama do educar para *ser* menino. Ao voltar o olhar para o masculino, mais especificamente para a representação dos meninos nos veículos de comunicação, desde aqueles tempos e *além*, há algo que se fia na trama da sociedade ocidental. Há um papel sendo disposto e fomentado por meio de um típico comportamento ideal em nossa cultura. A partir dessa inquietação particular intermitente, questionamos o porquê, naquele momento, criar um periódico voltado às crianças com ênfase nas histórias cujos meninos são protagonistas.

É neste panorama que pontuamos o nosso problema de pesquisa: como os meninos eram representados na revista *O Tico-Tico*, especificamente no primeiro ano de sua publicação (1905 – 1906)? Para entender tal questão, definimos o objetivo geral deste trabalho, vinculado ao propósito do mestrado profissional: criar um catálogo temático que destaque as principais representações de masculinidades na revista em sua primeira edição (datada de 22 de novembro de 1905) e em todas as 51 edições de 1906¹. Para cumprir essa meta, realizamos a leitura pormenorizada de todo o conteúdo da revista e selecionamos as principais reproduções, em busca da compreensão sobre como *O Tico-Tico* contribuiu para a construção e difusão de diferentes tipos ideais de masculinidade.

Ao discutir as masculinidades na infância por meio de um importante veículo de comunicação do século passado, pensamos na possibilidade de dialogar sobre a nossa própria contemporaneidade e enxergar, por meio da ótica jornalística e histórica, o que pode ser transformado por meio da coletividade. Almejamos levar ao leitor o conhecimento acerca da pluralidade, a fim de debater as nuances da educação informal na infância a partir do prisma do gênero. Academicamente, o nosso trabalho dialoga com a linha de pesquisa “Tecnologias e Interfaces da Comunicação”, contribuindo com as áreas da História da Educação e da História Social da Imprensa. Essa pesquisa também se sustenta cientificamente pelos grandes campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos da Infância. Por meio do catálogo temático, ainda será possível inovar no campo da Comunicação Social e do Design Gráfico, ao propor linguagens

¹ Consideramos essa contabilidade a partir das edições disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>>. Acesso em 5 de maio de 2020.

que dialogam com a arte e a narrativa literária e que podem ser combinados por meio desse instrumento informacional.

Batalha contra Gaudério é resultado desta pesquisa que se debruça sobre um periódico dos primórdios do século XX que obteve sucesso ao primar o conteúdo infantil, mesmo que criado *por* adultos *para* crianças. Assim como *O Tico-Tico*, o nosso catálogo é um produto criado *por* adultos, mas diverge em seu público-alvo. Queremos realizar uma contemplação *sobre* a infância junto aos *adultos*. Isto está impregnado na linguagem e na construção visual proposta para o nosso catálogo. Ele não é uma reprodução d’*O Tico-Tico*, mas enxerga na revista uma capacidade de entender a educação infantil e de obter respostas para o nosso processo de crescimento e de adaptação às normas culturais hegemônicas.

Podemos afirmar, sumariamente, que o catálogo temático é um artigo de leitura e trilha um caminho no incentivo à interpretação de mídia, o que contribui para o incentivo à leitura no Brasil e potencializa a sua importância social. Desde 2001 a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, produzida pelo Instituto Pró-Livro, avalia o comportamento do leitor brasileiro. Com a missão de transformar o Brasil em um país de leitores, o instituto avalia os impactos e orienta políticas públicas de leitura, a fim de melhorar os indicadores no país. Os dados de 2016 revelam, entretanto, que o brasileiro lê, em média, 2,43 livros inteiros por ano – felizmente, números maiores do que em 2011, quando os dados apontavam para 2,1 (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2016). Outro estudo da *Market Research World* (WORLD CULTURE SCORE FOR READING, 2015) revela que os brasileiros leem aproximadamente cinco horas por semana, enquanto os dados indianos, por exemplo, apontam para o dobro.

Neste horizonte, a *ANDI – Comunicação e Direitos*, referência nacional na promoção dos Direitos Humanos, dos Direitos da Infância e da Juventude a partir de ações no âmbito do jornalismo, também revela dados apreensivos em relação ao jornalismo infantil e a proposta de leitura para este público. Em 2002, a pesquisa “A Mídia dos Jovens” já diagnosticava que o jornalismo voltado às crianças tropeçava em sua execução. Naquele momento, simplificar a linguagem, abordar assuntos de forma superficial e utilizar diminutivos eram, de forma geral, os principais artifícios dos projetos editoriais de revistas e jornais com cadernos voltados ao público infantil. Escrever para crianças ainda é uma tarefa árdua, que se agravou quando os índices brasileiros de analfabetismo, evasão escolar, repetência e escolaridade dos mais pequenos eram incompatíveis com a inserção do Brasil no mundo globalizado.

Naquele período, a ausência de uma renovação e indefinição do público-alvo resultavam em tratamentos periféricos da leitura jornalística infantil. O resultado era um

jornalismo superficial que, por vezes, funcionava como um âmbito de venda de anúncios. Como apontou o documento, era preciso definir o conceito do que era “ser criança”, tornar a criatividade e o foco indispensáveis na elaboração do conteúdo infantil. Após 18 anos, os pequenos leitores se transformaram. As plataformas são diferentes, dificilmente são impressas, mas a preocupação *adulta* com a forma que consomem conteúdo e informação – enquanto são educados – ainda é latente. Por isso, o catálogo é uma reflexão aos *adultos* a partir de uma perspectiva jornalística e gráfica que surge do vislumbre da primeira revista infantil do Brasil. *Batalha contra Gaudério* não exclui as crianças desta leitura, pelo contrário, às inclui na possibilidade de existência e reforça que é preciso tencionar os campos dos seus produtos de consumo. *O que permanece, o que se dilui?* – questionamos nos preâmbulos do documento.

Por meio do entendimento d’*O Tico-Tico* como artefato cultural, este relatório técnico final sintetiza os primeiros passos de um trabalho que busca entender algumas das representações da infância brasileira e, mais especificamente, dos meninos do início do século XX. No que tange aos nossos procedimentos metodológicos, utilizamos as teorias oriundas dos campos da História Social da Imprensa, principalmente por meio dos estudos de Robert Darnton (1990), e da História Cultural, a partir da perspectiva de Roger Chartier (1991).

O capítulo seguinte a essa apresentação introduz o nosso referencial teórico, que busca compreender minimamente a relação entre gênero, infância e *O Tico-Tico*. Para tanto, em um primeiro momento apresentamos a publicação com mais detalhes, a partir do seu texto e contexto. Em seguida, abordamos a construção social da infância a partir da modernidade ao propor um diálogo sobre os sentimentos dos adultos em relação às crianças e o processo civilizador de seus corpos. Por fim, discutimos as relações de gênero juntos aos Estudos de Gênero propostos por Joan Scott (1995). No capítulo três, apresentamos os métodos para a construção do catálogo, além de um relato da execução do trabalho.

De certa forma, falar sobre gênero e infância é a continuação de um trabalho que desenvolvo desde a graduação, mas, também, um momento de aprofundar o conhecimento sobre as nossas formações socioculturais historicamente mais recentes. Olhar para *O Tico-Tico* com essa perspectiva crítica e extrair dali um panorama sobre a educação informal brasileira é, também, atentar-se aos novos modelos de comunicação que se tramam no seio da vivência jornalística e artística nacional. Imaginamos, que mais do que isso, é uma tentativa de entender nesse momento as consequências de uma masculinidade voltada ao trabalho e à construção de uma nação.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Infância e gênero se encontram no *Jornal das Crianças*. Uma das primeiras revistas nacionais que se propunha a entreter, informar e educar a criança brasileira se construiu a partir de um certo sentimento de infância moderno, em que proteção, cuidado e disciplinarização eram palavras-chave. As famílias burguesas se organizavam em torno dos pequeninos e a eles dedicavam as suas atenções. Nas páginas d'*O Tico-Tico*, o menino ganha um tom de protagonismo. Ele está presente nos contos, nas fotografias e nas grandes ilustrações. É a partir desse princípio que nos dedicamos, nesse momento, a entender como essas duas características se constroem, em nossa perspectiva, na revista carioca.

2.1 Às quartas, recebemos *O Tico-Tico*²

Quarta-feira, 22 de novembro de 1905. Chegava às bancas e às ruas da capital carioca *O Tico-Tico*. Estampado na primeira página, em letras ao estilo *art nouveau*, o slogan do impresso: *Jornal das Crianças*. Sob o preço de 200 réis³, dez mil exemplares estavam em circulação entre a população naquele momento. Estava lançada a primeira revista voltada exclusivamente para as crianças.

Sob o registro do jornal *O Malho* (1902 – 1954), editado pela *Sociedade Anônima*, *O Tico-Tico* foi fundado por Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Cercado de diferentes profissionais criativos, foi n'*O Malho* que a revista ganhou as suas primeiras pinceladas. Lançado em setembro de 1902, o impresso de circulação diária firmou-se sobre o pilar do compromisso de combate, denúncia e, principalmente, de sátira cotidiana. Presente nas páginas do jornal, a crítica aos costumes do brasileiro estava contida em praticamente todas as edições d'*O Malho*. Neste ambiente de experimento e novas formas de expressão, as histórias em quadrinhos compunham o cenário de um jornal que inovou ao combinar os avanços tecnológicos à verve de ilustradores e escritores (VERGUEIRO; SANTOS, 2005).

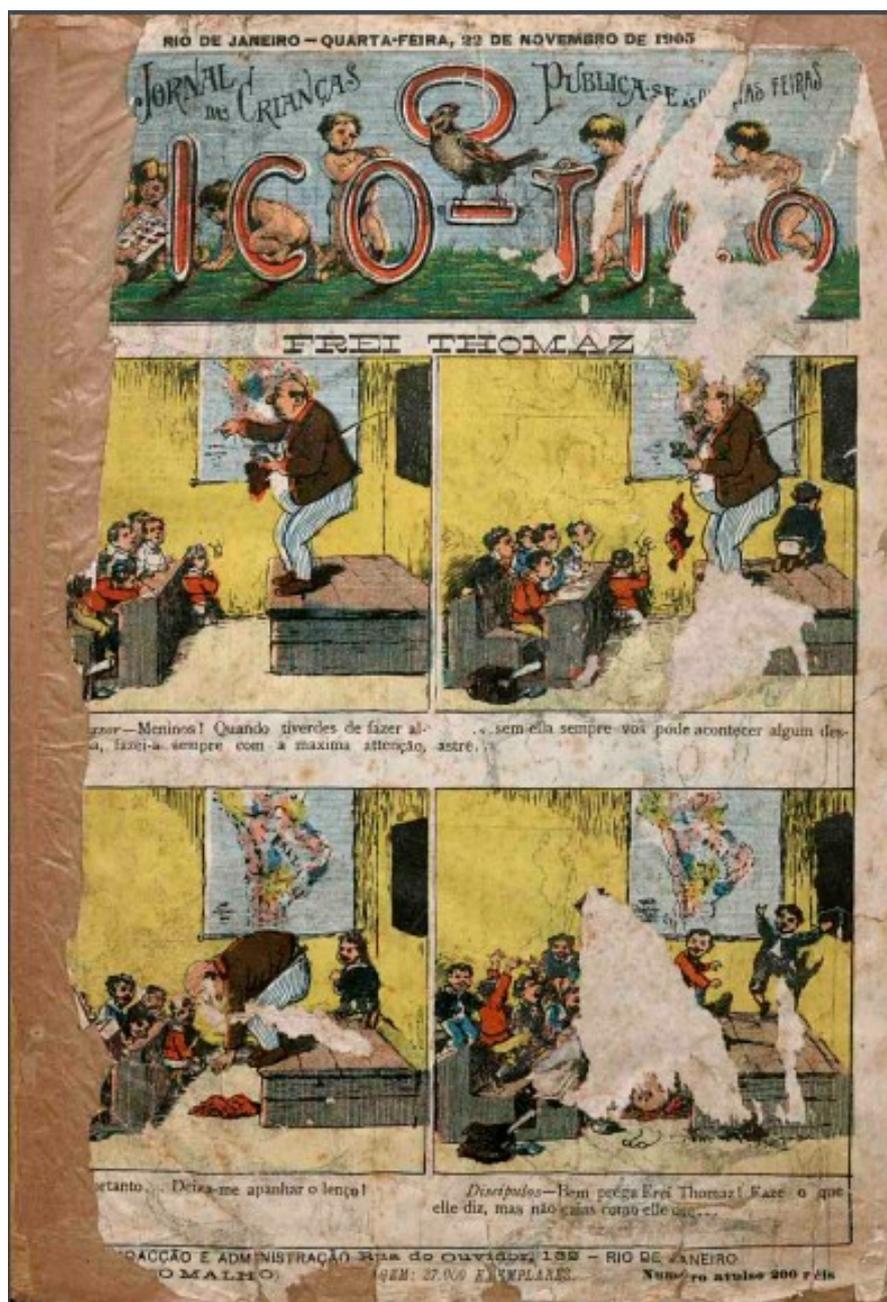
Não demorou para que *O Malho* notasse a aproximação do cotidiano infantil ao criar charges e histórias com desenhos. Inspirada pelo sucesso das revistas ilustradas para crianças

² O texto base deste item foi introduzido enquanto apresentação oral no I Colóquio do Grupo de Pesquisa *História das Instituições e dos Intelectuais da Educação Brasileira*, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), em novembro de 2018, sob o título de “*O Tico-Tico (1905 – 1935): primeiras considerações sobre o impresso*”. O evento foi promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade. O texto também serviu como apoio para uma segunda apresentação oral no X Congresso Brasileiro de História de Educação (CBHE), promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), em setembro de 2019, na Universidade Federal de do Pará (UFPA).

³ O valor de 200 réis era equivalente a um níquel que alguns garotos recebiam como gratificação (ROSA, 2002).

na França e nos Estados Unidos, o historiador Manuel Bonfim, o poeta Cardoso Júnior e o jornalista Renato de Castro propuseram a Luís Bartolomeu a criação de uma revista específica para o público infantil. Eles começavam a desbravar terras recém-descobertas, inclusive em solo internacional. Um exemplo clássico desta nova onda de publicações, potencializada a partir dos novos meios de criação do século XX, é a *La Semaine de Suzette*, que esteve em circulação na França em um período semelhante ao d'*O Tico-Tico* (VERGUEIRO; SANTOS, 2005).

Figura 1: O Tico-Tico em sua primeira edição.



Fonte: O Tico-Tico, 1905. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O Tico-Tico se propôs a formar a criança em sua essência, com exemplos de lealdade, obediência, cortesia, honestidade, humildade e esforço. Com índices que variavam entre 20 mil e 100 mil exemplares por edição, a revista estava em consonância ao ensejo de muitos em transformar a perspectiva de um Brasil subdesenvolvido, enfermo e analfabeto (ROSA, 2002). Em seu primeiro editorial, veiculado na edição 00, a opinião de seus editores: “todos amam as crianças; não há poeta que não celebre a sua inocência e a sua beleza. Entretanto, caso singular, nada se faz em favor delas, para diverti-las, para distrair e encantar a sua existência”. E continua, após algumas linhas: “É para eles que escrevemos. Se conseguirmos agradar-lhes, teremos obtido o único triunfo que ambicionamos” (O TICO-TICO, 1905, p. 3).

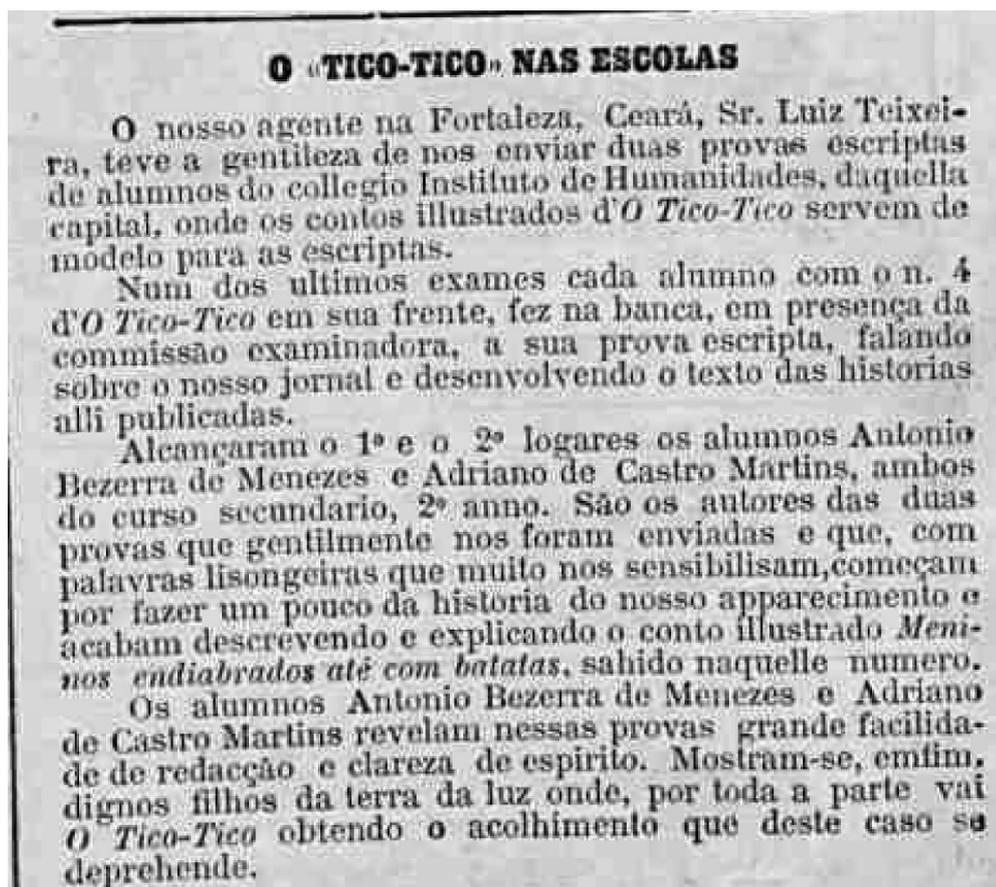
Assim começou o projeto editorial de uma revista que se propôs a educar e formar a criança brasileira por meio de contos e historietas fáceis e instrutivas, em um momento em que a preocupação com a escolarização infantil ainda era tímida. As três primeiras décadas d’*O Tico-Tico* foram de glória para sua história, em que o seu projeto editorial esteve claro e consistente (ROSA, 2002). Em suas capas coloridas, a proposta em educar a infância – mais precisamente os meninos de até 12 anos (ROSA, 2002; VERGUEIRO; SANTOS, 2005) – era precisa, certa e entendida, de forma geral, como necessária. Não é à toa que a leitura d’*O Tico-Tico* foi incentivado pelos professores em salas de aula e era acompanhado por literatos e escritores. A sua ação pedagógica prolongou-se até onde pôde (VERGUEIRO; SANTOS, 2005).

A partir de 1935, *O Tico-Tico* foi parcialmente eclipsado por histórias norte-americanas que contavam a saga de heróis bravos, aventureiros e vingativos. Era o caso do *Tarzan*, o homem da selva; do *Popeye*, que se fortalecia com espinafre para derrotar outros marinheiros; e do hoje clássico *Superman*, que inaugurava uma nova fase na criação das histórias em quadrinhos. Ao lado d’*O Jornal das Crianças*, *O Malho*, contrário a Aliança Liberal de Getúlio Vargas, foi perseguido politicamente e teve a sua redação incendiada, retornando, após certo período, com o seu perfil editorial alterado ao focalizar textos sobre variedades e reportagens de acontecimentos nacionais e internacionais. *O Tico-Tico* acompanhou a sua vertigem rumo à falência (ROSA, 2002).

A publicação d’*O Tico-Tico* antecipa a ânsia da formação da criança brasileira em um contexto ocidental a ser reconhecido por suas novas tecnologias, por um novo cuidado com o corpo e pela atenção à saúde da população. Em um momento, como apontam diferentes pesquisadores – tais como Lilia Schwarcz (2000), Angela Marques da Costa (2000), Sevcenko (2001), Berman (2007) e Campos (2004) –, engendrado pelo fim das certezas e por um certo

“desejo urgente de modernidade”, *O Tico-Tico* somou-se a publicações e engenharias que se comprometiam a mudar o cenário de um país ultrapassado. Em meio ao cinema, à fotografia, à máquina de escrever, em que a ciência vivia a sua própria utopia de bem unificador, *O Tico-Tico* surgiu como uma resposta a uma parcela das demandas político-culturais da sociedade brasileira. Para a revista, era preciso educar as crianças.

Figura 2: Na edição 29, revela-se que os contos ilustrados d'*O Tico-Tico* eram base para o ensino em Fortaleza.



Fonte: *O Tico-Tico*, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

2.1.1 Cartografar o presente, antecipar o futuro

“Era hora de não só mapear o presente, como também de planejar o futuro. Se a chegada de um novo século sempre fez sonhar, talvez tenha sido o fim do século XIX o que o melhor concretizou esse tipo de utopia” (2000, p. 11), escrevem as historiadoras Angela Marques da Costa e Lilia Moritz Schwarcz na introdução de *1890 – 1914: no tempo das certezas*. É neste contexto em que *O Tico-Tico* se localiza e, portanto, é por meio desse trajeto histórico que percorremos para saber o território que estamos desbravando.

Imagens oníricas estampavam a representação de uma Paris iluminada pela Torre Eiffel, construída em comemoração à Exposição Universal de 1889, na ocasião do centenário da Revolução Francesa. Fincada a 324 metros de altura, o monumento abria as alas para o progresso e a civilização europeia. Estava (literalmente) claro: os próximos anos desfilariam em direção ao futuro. Não o futuro remado pelo tempo, mas sim aquele que emprega o avanço tecnológico rumo à modernidade.

Dessa encenação política, fragmentos davam partida à *Belle Époque*, com costumes extravagantes e hábitos mundanos, que durou até a Primeira Grande Guerra, em 1914. Nos prédios, a inspiração europeia, em que se construía um palácio para cada ocasião. Nas faculdades, os traços gregos, que saldavam a educação em suas raízes. A realidade era uma simulação a ser seguida. A época de ouro trazia no bojo o progresso e a prosperidade. Com ela, contudo, permaneciam uma trama de antagonismos (COSTA; SCHWARCZ, 2000).

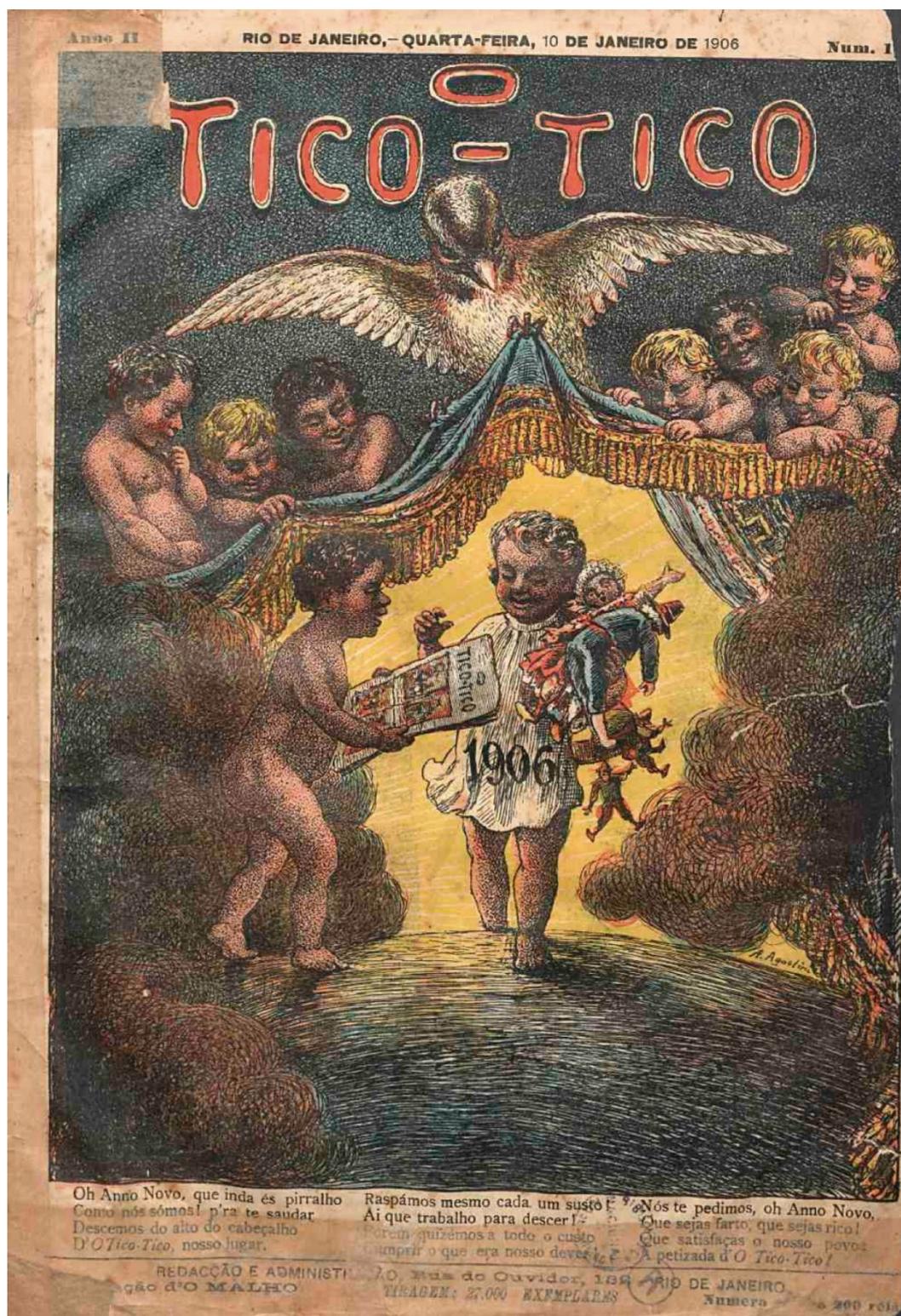
No Brasil, o clima de otimismo atravessava a cultura urbana: atingia também o comportamento, os corpos, os costumes, a moral e a civilidade. No Rio de Janeiro, a regeneração do novo século impregnava-se no transporte, na saúde, nas faculdades e nos hospitais. Nas artes, também com influências europeias, a *art nouveau* inspirava-se nas formas e estruturas naturais, nas linhas curvas de flores e plantas, com materiais de mármore e cristal. Na atual Avenida Rio Branco, era possível ver lampiões a luz elétrica forjados à francesa. A cidade dos quarenta graus já urdia enquanto “A Vitrine do Brasil”.

Entre o ranço dos velhos padrões de sociabilidade do mundo rural escravocrata, surgia o comportamento de uma sociedade que acompanhava às pressas a modernização de seus espaços públicos. Como lembram Costa e Schwarcz (2000),

(...) estamos falando de uma sociedade recém-egressa da escravidão, que guarda marcas e hierarquias arraigadas, e de um novo projeto político republicano que tenta se impor a partir da difusão de uma imagem de modernidade e de civilidade criada na contraposição do império. (p. 43)

O progresso era inegável, mas não democrático (SEVCENKO, 2003). A *Belle Époque* acompanhava o prelúdio da Era dos Extremos, narrada por Eric Hobsbawm (1995). Os avanços científicos e tecnológicos não garantiam o acesso de amplas camadas da sociedade. No caso nacional, a população era expulsa de seus velhos lares. A ditadura do “bota-abaixo” demolia residências, higienizava as casas nos morros, as favelas e os hotéis baratos (COSTA; SCHWARCZ, 2000). Paris era um exemplo a ser seguido, mas a realidade nacional – especialmente a do Rio de Janeiro – era outra.

Figura 3: A segunda publicação de 1906, datada de 10 de janeiro, evoca o sentimento do novo ano, ilustrado enquanto um pirralho, similar a um putto. Atravessando as cortinas levantadas por um pássaro, o primeiro presente do garotinho, que já carrega brinquedos nos braços, é o próprio O Tico-Tico. No rodapé, os pedidos para o novo ano são a satisfação do público do periódico.



Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

É neste contexto que projetos eugenistas objetivaram controlar a reprodução, privilegiando o branqueamento de uma sociedade que assinara o fim da escravidão há poucas décadas. Neste panorama, sob a peneira do suposto atraso dos trópicos, via-se nas camadas subjacentes da pobreza um mal que precisava ser erradicado da sociedade brasileira. Mais do que uma ameaça política e sanitária, os discursos de progresso da civilidade eram obstruídos por condições de vida de trabalho e moradia considerados inapropriados (CHALHOUB, 1986). A cidade era um espaço de tensão e de disputa de poderes, em que a pobreza, mais do que um estado econômico-social, era um espaço de negação nacional. Ainda em 1897, o *O Estado de S. Paulo* publicou a tradução do *Manual de Higiene Atlética*, em que prevalecia o culto ao corpo rígido, “saudável” e livre de doenças. *O Tico-Tico* é repleto de exemplos de loções, vitaminas e complementos que tonificavam a saúde das crianças.

Manuais e tratados de comportamento e de higiene atravessaram a história da civilidade ocidental, como revela Norbert Elias, em *O processo civilizador: uma história dos costumes* (1994) ao analisar diferentes obras do gênero, principalmente a partir da Idade Média. O documento “Da civilidade em crianças” (1530), de Erasmo de Rotterdam, o seu principal objeto de estudo pontua o comportamento das pessoas em sociedade. Em homenagem a um jovem príncipe, o documento reúne compilados de boas e más maneiras frente a vida em sociedade em tópicos sobre o corpo, refeições à mesa, reuniões e afins. A coletânea de observações foi rapidamente disseminada como um manual educativo para meninos e mostra, até certo ponto, “uma necessidade social e como registrava os modelos de comportamento para os quais estavam maduros os tempos e que a sociedade – ou mais exatamente a classe alta, em primeiro lugar – exigia” (ELIAS, 1994, p. 83).

De forma geral, Erasmo tece uma crítica a aspectos “rústicos”, “vulgares” e “grosseiros” de sua época – sem ignorar o comportamento das classes mais abastadas, considerado por muitos como o “viveiro da conduta refinada” (ELIAS, 1994, p. 89) – e Elias, a partir desse vislumbre, realiza uma pesquisa sociológica sobre como as respostas a diferentes aspectos *naturais* humanos resultam em múltiplas e complexas complicações *culturais* na sociedade e na forma como os próprios indivíduos reagem a essas ações naturais. Para isso, Elias estudou a civilidade (*civilité*) e buscou entender os padrões de comportamento e da expressão de sensibilidade no Ocidente. Esse processo, como debatemos nos próximos tópicos, é resultado de um processo civilizador, que está em constante mutação, transformação e questionamento.

[...] a grande utopia dessa virada talvez tenha sido a “certeza”. A certeza das teorias deterministas que permitiam prever (...) o crime, antes que ele ocorra. A certeza de classificar o mundo das plantas, dos animais e dos cometas. A certeza do controle sobre a natureza: sobre ventos, tempestades, pântanos e redemoinhos. A certeza de prever o futuro. (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 25)

Este movimento de indagar comportamentos e analisar a sua própria imagem é uma dinâmica que surge lentamente a partir da modernidade, na transição da Idade Média europeia. Em nosso contexto, com parâmetros em constante flutuação, a nação brasileira viu-se diante de um cenário internacional preenchido de novas condutas, em que o cartão postal brasileiro pretendia, junto à construção da *Belle Époque* tropical, divulgar a ideia de uma sociedade civilizada, que se emancipava daquele passado. Na cartografia daquele presente, edificava-se o desejo de seduzir o resto do mundo.

2.1.2 A ascensão do leitor d’*O Jornal das Crianças*

Na utopia de conquistar os céus, navegar os mares e na vontade de ilustrar o futuro do *aqui-e-agora*, invenções e engenhocas surgiram em solos brasileiros como forma de elevar os níveis de nossas tecnologias, a natureza de nossas maneiras e o desenvolvimento de nossa cultura científica. Costa e Schwarcz (2000) citam criações mirabolantes de indivíduos ávidos pela transformação e incentivados por este universo de oportunismo. Entre eles, o *Barco Vélez*, um amálgama entre um transporte terrestre e marítimo; o chuveiro portátil, que oferecia o frescor diante do calor brasileiro; e até mesmo vestimentas flutuantes para banhos, que garantiam a segurança na natação. Como destacam as historiadoras, “estamos, dessa maneira, diante de uma história que, em sua maior parte, não se realizou. Assim como a memória, que é sempre seletiva, a história é dura com aquilo que parece não fazer sentido” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 145).

Tudo parecia possível em um cenário de descobertas que surgiam a passos exponenciais. O telefone, o fonógrafo, a locomotiva elétrica, a *Coca-Cola*, o cinema, a câmera fotográfica, o avião e a geladeira são exemplos que nasceram no final do século XIX e início do XX e desenvolveram-se na contraditória contemporaneidade nacional. *O Tico-Tico* emaranha-se nesta configuração de uma sociedade que toma como anseio a civilização da população por meio de seu progresso em diferentes áreas e o registro de patentes extraordinárias. No caso da revista, a educação das crianças era uma urgência a ser superada, principalmente a partir do cenário crítico da época. A taxa de analfabetismo na faixa etária de 15 anos em 1900, segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), era alta: atingia a casa dos 65% (BRAGA; MAZZEU, 2017). Em determinadas regiões do país, essa taxa aumentava consideravelmente:

As informações expostas com os dados do recenseamento de 1906 comprovam que, a despeito de qualquer imprecisão, 74,6% da população em idade escolar eram analfabetos no início do século XX. Os altos índices de analfabetismo eram distribuídos de forma razoavelmente homogênea. Com exceção do Distrito Federal (48,1%), à época do Rio de Janeiro, os outros estados mantinham um índice próximo da média nacional. Educação básica não era, de fato, um problema ou uma questão que sensibilizasse a elite brasileira; o estranhamento e a perplexidade com os quase 80% analfabetos são uma reação pública posterior ao final do século XIX. Em uma sociedade basicamente rural – mais de 80% da população –, comandada pelos grupos oligárquicos, com precários sistemas de comunicação, a demanda social de educação era também muito baixa. (BOMENY, 2003, p. 12-13)

O Tico-Tico é um marco na história da produção jornalística brasileira. Em um momento em que as histórias infantis começavam a dar os seus primeiros passos, foi *O Jornal das Crianças* que abriu as portas a grandes ilustradores e cronistas. O nome do impresso, inclusive, ainda causa controvérsias. Há dois caminhos nesta história que divergem, mas que, de certa forma, exercem a mesma função. Um deles foi divulgado no livro *O Tico-Tico: Centenário da Primeira Revista em Quadrinhos do Brasil* (2005). Carmem de Sousa, filha do senhor Luís Bartolomeu, afirma que o pai se inspirou no pássaro que, por meio de seu canto simples e desprezioso, simbolizava a finalidade da publicação de oferecer conteúdo simples e sadio⁴. Vasco Lima, um dos primeiros colaboradores de *O Tico-Tico*, por outro lado, em depoimento ao jornal *Correio da Manhã*, também do Rio de Janeiro, disse que o nome era uma alusão a determinados tipos de escolas cariocas que, logo após a Proclamação da República, ensinavam a ler, escrever e fazer contas. As escolas eram conhecidas por “tico-tico”.

Diante do sucesso das vendas, A Sociedade Anônima O Malho lançou outras publicações que tinham como princípio a formação infantil. São os casos do *Almanaque d'O Tico-Tico* (1906), com o melhor conteúdo publicado na revista durante o ano; do *Tiquinho* (1950), para as crianças em fase de alfabetização; da *Cirandinha* (1951), para as meninas, com contos de fadas, receitas, poesias e sugestões de atividades domésticas; da *Pinguinho*, para crianças em fase pré-escolar; e ainda da *Coleção SETH* (1930), com temas voltados para o ensino de matemático, do desenho, da história do Brasil e com textos de intelectuais como Josué Montello e Olavo Bilac (VERGUEIRO; SANTOS, 2005).

“A quem pretendia *O Tico-Tico* educar?”, pode-se se perguntar. A partir de suas páginas e em busca da observância de uma recorrência e de elementos icônicos, é possível

⁴ Como revela o próprio título de nosso catálogo, optamos pela simbologia do pássaro em referência ao nome da revista.

responder: majoritariamente, os meninos da classe média burguesa das regiões metropolitanas brasileiras (ROSA, 2002). O perfil editorial da revista estimulava a imaginação, enquanto praticava o ensino de noções exatas e práticas, com uma escrita simples, ao alcance da inteligência do público-alvo. A criança é o destaque d'*O Tico-Tico*. Não mais com uma presença marginal, ela é vista sob os holofotes da ingenuidade, de um ser em evolução. Assim como analisou o historiador Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (1981), a partir da Idade Moderna, particularmente entre a transição do século XVIII para o século XIX, acompanhou-se a recodificação do *sentimento* de infância. Tido pelo senso comum contemporâneo como algo inato, o reconhecimento da infância, na verdade, é uma construção humana, assim como o sentimento de família e o processo de escolarização, atrelado a um processo civilizador de mudança de costumes.

O sentimento de infância é caracterizado pela certeza de que este é um tempo especial, particular, que merece a atenção dos adultos e que possui o seu universo próprio (ARIÈS, 1981). A criança, portanto, precisa ser educada, amada, cultivada e disciplinada, seja no seio familiar ou no âmbito escolar. Nesta configuração social e simbólica, de mudança lenta, não-linear, a educação formal toma um espaço vital na preparação dos indivíduos para a vida adulta, como um local de passagem necessário para atingir a maturidade (CAMPOS, 2012). *O Tico-Tico* alia-se a essa ideia para projetar a sua atividade editorial.

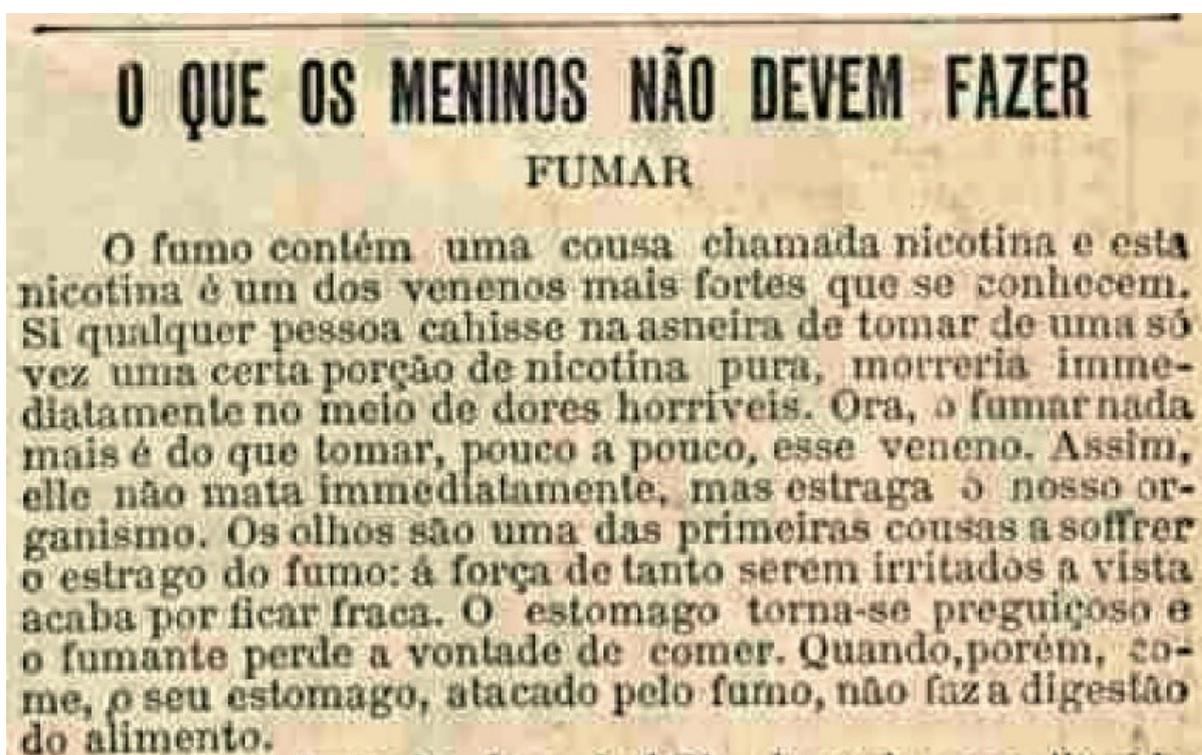
Assim como Carlos Drummond de Andrade reconheceu quando adulto no *Correio da Manhã*, *O Tico-Tico* era uma "escola disfarçada de brincadeira". E assim eram, de fato, os textos da revista. Em suas três primeiras décadas, *O Tico-Tico* foi construído a partir de um modelo moralista e conservador – se, claro, olharmos para ele com a nossa perspectiva contemporânea –, que era abordado em histórias em quadrinhos, contos, brincadeiras e textos de humor. Em seu papel cívico-pedagógico, a revista possuía três dimensões editoriais: de recrear, de informar e de formar (ROSA, 2002). Em tom carinhoso e linguagem coloquial, mas ainda com o seu preciosismo linguístico, *O Tico-Tico* complementava a educação familiar e institucional.

Por muito tempo, *O Tico-Tico* ficou marcado por seu slogan *O Jornal das Crianças* e, como os textos dos editores revelam, era vendido com o objetivo de informar e entreter as crianças. Cabe um parêntese, contudo, nos porquês de classificar, neste trabalho, *O Tico-Tico* enquanto uma *revista* no que tange o seu formato. As revistas possuem características singulares enquanto produtos midiáticos. De forma geral, elas são publicações periódicas voltadas a leitores específicos, com ilustrações e assuntos diversos que promovem a proximidade com os leitores e oferecem a capacidade de ouvi-los, além de, por meio de seu suporte, permitir a fácil

mobilidade e a possibilidade de ser colecionável (SOUZA, 2013). Com o avanço das técnicas de impressão e ilustração na Revolução Industrial, o século XIX viu surgir, paulatinamente, essas publicações consideradas mais informais – se comparadas aos livros –, mas ainda sofisticadas em sua materialidade que se difere do jornal pela produção gráfica e textual.

Ao observar as categorias funcionais, gêneros e formatos (MARQUES DE MELO, 2009) das revistas, há uma presença considerável de gêneros opinativos, interpretativos, diversionais e utilitários. Tomando *O Tico-Tico* como exemplo, o editorial da primeira edição reforça que serão veiculados “contos, poesias, problemas, concursos” que irão instruir e deliciar as crianças. Por não ser tão direcionada à cobertura factual, as revistas possuem uma especificidade em sua classificação, que “perpassa o informativo e o opinativo de maneira contínua, buscando estabelecer uma fluidez no conteúdo e reforçar através deles o vínculo de identidade com seu leitor” (SOUZA, 2013, p. 52).

Figura 4: As seções "O que os meninos não devem fazer" eram publicações recorrentes nas páginas da revista. Na edição 36, de 13 de junho de 1906, o reforço de que o ato de fumar "estraga o organismo". Outros exemplos da seção eram o pedido às crianças para não mentir, beber e jogar competições de azar com a justificativa de que atrasaria o desenvolvimento delas.



Fonte: *O Tico-Tico*, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Para *O Tico-Tico*, o público e a sua identidade eram bem definidos. No núcleo de suas publicações semanais, observa-se o foco editorial nas crianças de lares estáveis, assistidas por

instituições escolares, com pais de classe média (ROSA, 2002). Para a revista, elas seriam as responsáveis pelo desenvolvimento intelectual do país e pelo futuro da nação. Moldadas pela conduta moral tradicional e pelo espírito positivista da Antiga República, os leitores eram vistos como seres em evolução que por meio da educação seriam teriam acesso à uma formação íntegra. Um exemplo recorrente era o uso de lições a comportamentos recriminatórios que desviavam da norma social.

Em alicerce aos textos, estavam, também, a publicidade de produtos que visavam a orientar os pais quanto a saúde, higiene, alimentação, vestuário e lazer das crianças e das famílias. Ancorados pela indústria farmacêutica e cosmética, eram destaques n'*O Tico-Tico* as loções, as vitaminas e, de forma geral, os produtos que prometiam a saúde da população em um contexto cada vez mais preocupado com o asseio e as novas doenças da sociedade moderna. Historicamente, as características do gênero Revista foram definidas para melhor incorporar a publicidade dos produtos do novo século. No caso d'*O Jornal das Crianças*, as publicidades inicialmente eram empregadas em páginas específicas e tinham a função de entreter, como destacava os próprios editores.

Com um sistema ferroviário nacional recém-concluído, a revista tornou-se, nas duas primeiras décadas do século XX, um empreendimento comercial de larga escala baseado no modelo de publicidade desenvolvido durante os anos 1890 (SOUZA, 2013). A publicidade era impulsionada pela mídia nacional e por uma indústria que se transformava por meio das impressoras de alta velocidade e dos avanços das fotografias. A propaganda presente nas revistas operava como uma relação cíclica com os seus consumidores: ao mesmo tempo que definia gostos e comportamentos, também era influenciada pelo próprio grupo consumidor, impondo-se na vida urbana dos leitores como uma forma de comunicação eficiente e eficaz. (MARTINS, 2001)

O Malho possuía a prática de promover concursos literários. Sempre bem aceitas pelo público do jornal, as ações também foram inseridas no cotidiano do *Jornal das Crianças*. Alguns deles, inclusive, patrocinados por marcas e com gratificações em dinheiro ou produtos. Antes mesmo do lançamento d'*O Tico-Tico*, foi publicado n'*O Malho*, em 16 de setembro de 1905, o seguinte concurso: “Um concurso a que devem concorrer todos os meninos do Brasil: [responda] que é o que o menino quer ser” (O MALHO, 1905 *apud* ROSA, 2002). As regras para participar do concurso eram claras: os meninos não deveriam ultrapassar os 12 anos de idade e eles deveriam responder especificamente qual a profissão que desejavam adotar futuramente, levando em consideração os motivos e razões do porquê preferirem essa profissão.

Aos pais, professores e responsáveis, o recado era, de igual forma, claro: eles não deveriam interferir nas respostas, pois, como realça os editores d'*O Malho*, “quem, por exemplo, preparasse ou emendasse a resposta d’um menino, não só desvirtuaria o intuito do concurso, como praticaria um ato de falsidade que, por si só, influiria pessimamente na moral do menino” (O MALHO, 1905 *apud* ROSA, 2002). O texto do concurso continua “deixem os meninos responder inteiramente de conformidade com o seu espírito e aspirações”. O concurso foi lançado dois meses antes do lançamento da primeira edição d’*O Tico-Tico*, mas já apresentava, no mesmo anúncio, um breve resumo do projeto editorial da revista, revelando detalhes de sua periodicidade, do tratamento da linguagem, do preço e, em suma, de como os editores transformariam o ato de leitura em um momento leve, divertido e sadio.

Após 30 anos de ascensão e manutenção de sua proposta de fomentar a educação das crianças, *O Tico-Tico* viu-se diante de um novo cenário. Em uma sociedade cada vez mais urbana, em que as noções de recreação, diversão e educação transformaram-se, o leitor d’*O Tico-Tico* possuía novas formas de lazer e entretenimento a seu dispor. Durante três décadas, *O Tico-Tico* colaborou com o desenvolvimento de uma criança que se integraria ao mercado produtivo de adultos que acreditavam na força de trabalho como meio de transformação (ROSA, 2002). Uma das primeiras recorrências de masculinidade da revista era esta, uma hipótese da necessidade de transformar o menino em um futuro homem eficiente, servidor do próprio país, por meio da educação.

Quando os editores da revista perceberam a necessidade de mudança, já era um pouco tarde (VERGUEIRO; SANTOS, 2007). No Rio de Janeiro, por exemplo, a revista *Suplemento Juvenil*, que surgiu em 1934, inaugurou no país um modelo de ilustrações norte-americanas, com narrativas de personagens destemidos e valentes. As aventuras mirabolantes dos heróis se sobrepunham aos personagens ingênuos e bem-intencionados d’*O Tico-Tico*. Era preciso desbravar o novo mundo, mas *O Jornal das Crianças* insistiu em não atualizar o seu projeto editorial. Mesmo com tentativas de reagir à concorrência em 1940, assim como em *O Malho*, cresceu n’*O Tico-Tico* as páginas de entretenimento, que deixavam de lado as atividades intelectuais, destacando-se piadas, anedotas e histórias mudas.

Com a chegada da TV em 1950, *O Tico-Tico* se esvaiu e descaracterizou-se de seu projeto original que perdurou, no entanto, até janeiro de 1962. Neste cenário, entre 1940 e 1962, cabe aos futuros pesquisadores questionar: quem, afinal, era o leitor d’*O Tico-Tico*? No que ele se transformou após acompanhar a vertigem de um projeto pioneiro em sua área? A nós, coube, inicialmente, questionar o que a representação desses meninos significou na sociedade

brasileira entre 1905 e 1906, em que a efervescência tecnológica propunha novas narrativas e novos percalços para o futuro do país, em que o perfil editorial da revista experimentava a si de forma recorrente e alcançava uma vasta população de crianças. *O Tico-Tico* foi um produto resultante de sua época. E poderia ser diferente? No caldeirão da *Belle Époque* e da *art nouveau*, o *Jornal das Crianças* encontrou no contexto brasileiro a justificativa de sua existência. O periódico educou, divertiu e seduziu um vasto público leitor.

Figura 5: Na edição 30, de 2 de maio de 1906, o destaque à importância da leitura e escrita.



Fonte: *O Tico-Tico*, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

2.2. As idades da infância

Os séculos XIX e XX foram momentos culminantes do moderno sentimento de infância. Não que as crianças não existissem antes, ou fossem negligenciadas, mas a forma como os *mais velhos* olhavam *para os mais novos*, especialmente os pequeninos, sofreu

mutações. Em um empreendimento diante de diferentes documentos, principalmente artísticos, produzidos nas Idades Média e Moderna, Ariès (1981) observou como a representação das crianças transformou-se por meio de uma gestação sociocultural secular que confiou a elas um tempo próprio. As idades da infância foram marmorizadas de pureza e alegria de viver, atravessadas por ideais de delicadeza e inocência, e geridas por um processo civilizador de vergonha e autocontrole.

Em *História Social da Criança e da Família*, publicado originalmente em 1975, Ariès investiga as relações entre adultos e crianças e as têm como construções humanas, e não aspectos simplesmente naturais, dados por mero acaso. Os estudos do historiador francês foram redimensionados para as diferentes realidades ocidentais, de forma que os sentimentos de infâncias puderam ser esquadrihados em diversos períodos da história dos homens (CAMPOS, 2012). Contudo, é possível afirmar de forma geral que esse sentimento foi recodificado justamente na Idade Moderna, transformando-se, paulatinamente, no que conhecemos na contemporaneidade como *nosso* sentimento. Ou melhor, aqui, neste estudo, no sentimento d’*O Tico-Tico*, aquele que prevê a preservação e cuidado especial da infância. Para o impresso, a criança precisaria ser educada, lapidada, vigiada e guiada para que pudesse, enfim, construir o futuro do país.

2.2.1 O lento surgimento dos sentimentos de infância e família

Até meados do século XIII, a arte medieval não representava a infância. As crianças eram caracterizadas por expressões particulares de pequenos homens. Este espaço de tempo – que hoje é regularmente percebido –, era, naquele momento, um período de transição, logo ultrapassado. O ato de mimar os bebês e adorná-los era comum entre os grupos mais abastados, mas não correspondia propriamente ao sentimento de infância. Esse sentimento está relacionado à consciência da particularidade infantil. É justamente essa singularidade, de que a infância é um tempo de vida especial, que distingue os dois universos. Nas páginas d’*O Tico-Tico*, a afeição pelas crianças está vinculada ao projeto editorial, à escolha inerente de escrever para o público infantil. A existência da revista na sociedade medieval, contudo, poderia ser impossível caso a invenção de Gutemberg ocorresse alguns séculos antes. Assim que as crianças superavam o período de grande possibilidade de morte, elas se embaralhavam aos adultos. Na Idade Média, as pessoas

[...] eram condicionadas a formas de relações e de conduta que, em comparação com os atuais padrões de condicionamento, parecem-nos embaraçosos ou pelo menos sem

atrativos. O que faltava nesse mundo *courtois*, ou no mínimo não havia sido desenvolvido no mesmo grau, era a parede invisível de emoções que parece hoje se erguer entre um corpo humano e outro [...] (ELIAS, 1994, p. 82).

Se analisarmos com cautela as minúcias do cotidiano contemporâneo, é possível observar como iconografias ocidentais europeias medievais ainda permanecem em nosso histórico cultural. Naquele período, por exemplo, as categorias de ciência alinhavam-se aos elementos naturais, aos planetas, ao desconhecido astrológico e ao simbolismo dos números. Como mostram os arquivos da época analisados por Ariès, as idades eram, por vezes, correspondências diretas dos planetas, em números de sete. No modelo geocêntrico de Ptolomeu, em que a Terra era o centro dos cosmos, sete planetas orbitam o nosso planeta azul: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Neste sentido, a primeira idade, “*enfant*”, que dura até os sete anos, é aquela em que se brotam os dentes. A segunda é chamada *pueritia* e segue até o 14º ano. Assim, de sete em sete anos, seguem a adolescência, a juventude, a senilidade e a velhice, em uma espécie de laço que unia o destino do homem aos planetas.

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade [...]. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. (ARIÈS, 1981, p. 4)

Ainda há outras classificações etárias biológicas que pressupunham funções sociais, como a “idade dos brinquedos”, em que as crianças se relacionavam com os seus bonecos ou cavalos de pau; e sucedida a da idade escolar, a do amor (ou do esporte), a da guerra e a do sedentarismo. Na análise de Ariès, este movimento histórico de notar a criança já é significativo, mas é principalmente a partir do século XIII que surgem importantes figuras na representação artística do contexto europeu que estampam a presença infantil de fato. Podem ser citados os anjos, representados sob a aparência de jovens adolescentes; o Menino Jesus, como modelo ancestral de todas as crianças pequenas e sagradas; e a criança nua, o *putto*, como uma representação da entrada da alma no mundo.

De pequenos adultos a anjos adolescentes, “o tema da infância sagrada a partir do século XIV, não deixa mais de se ampliar e de se diversificar: sua fortuna e sua fecundidade são um testemunho do progresso na consciência coletiva desse sentimento da infância” (ARIÈS, p. 20). Uma iconografia inteiramente nova se formou a partir da abrangência católica e a cristianização dos costumes diante da alma infantil. Surgem, de forma lenta, heterogênea e não-linear, representações dessa infância, que se tornaram frequentes em pinturas anedóticas e

famosas. As crianças estavam presentes nos colos de suas mães, brincando ou ainda graciosamente urinando.

Figura 6: Resquícios de uma antiga representação infantil? Na edição 54 d'O Tico-Tico, de 17 de outubro de 1906, duas crianças são ilustradas como adultos em miniatura, com feições e características de pessoas já adultas.



Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O início do século XVII inaugura o retrato como uma forma de conservar, por meio da arte, o aspecto fugaz da infância (ARIÈS, 1981). Embora as condições demográficas não tenham sofrido grandes mudanças, a consciência comum caracterizava a presença das crianças como um aspecto importante. Mais do que isso: ao observar retratos de famílias, Ariès notou a organização da família *em torno* da criança, enquanto centro da composição. Se partimos de uma noção de que a criança simbolizava uma espécie de adulto em miniatura, é nesta rota para a Idade Moderna que ela ganha um espaço especial na colocação familiar.

Nesta direção, concomitante ao sentimento de infância, algo também inédito irrompe na transição entre os séculos: o sentimento de família, arquitetado a partir de uma reorganização da vida privada em seu âmago. O interesse pela infância se dá de tal forma que é uma expressão particular desse sentimento mais geral, de recomposição da trama familiar, ligado à própria

estrutura física do ambiente domiciliar. Se a Idade Média trazia consigo um sentimento de família intimamente ligado ao sentimento da linhagem e da herança, é a partir do século XVII que se atribui à família o valor de célula social, da base dos Estados, que se transformava enquanto modificava a sua relação com a própria criança.

O sentimento da família, que emerge assim nos séculos XVI-XVII, é inseparável do sentimento da infância. O interesse pela infância [...] não é senão uma forma, uma expressão particular desse sentimento mais geral, o sentimento da família. (ARIÈS, 1981, p. 143)

Assim, a família, enquanto forma de manutenção de patrimônio e integridade, foi substituída na Idade Moderna pelo direito de primogenitura. Não mais ancorada na linhagem, as famílias se organizavam a partir do governo e da vida em casa, principalmente em torno da figura paterna e da autoridade cotidiana atribuída aos pais juntos aos seus filhos. As crianças eram o elo e a semelhança física que mantinham a coesão entre os membros do mesmo sangue, exaltados por forças emotivas e um foro íntimo. Na sociedade medieval – o principal ponto de contraste de Ariès diante da Modernidade –, a família era uma realidade moral e social, em que

[...] no caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de um meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a “casa” dos amos e dos senhores, onde esses pobres passavam mais tempo do que em sua própria casa [...]. Nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome. (ARIÈS, 1981, p. 159)

Nessa antiga sociedade, a educação das crianças era apreendida a partir da vida comunitária, não necessariamente a partir daqueles que dividiam os mesmos genes. Assim, para o autor, explica-se essa complexa atmosfera compartilhada entre crianças e adultos, em que não havia a segregação etária e a separação de assuntos. Dessa forma elas aprendiam a viver, por meio da diversidade de ofícios que eram submetidas no dia a dia. Ao se afastar da família muito cedo, não havia a possibilidade de alimentar uma afeição entre os seus ascendentes. Nesse universo que parece distante para a perspectiva contemporânea, o “amor banal” pelas crianças era ignorado por formas mais difíceis de sobrevivência. Estava em mutação, um processo civilizador que transformaria costumes e a forma como os homens são educados. (ELIAS, 1994)

A casa, na sociedade moderna, tornou-se um âmbito de defesa contra o mundo, em que “separava-se melhor a vida mundana, a vida profissional e a vida privada: [de forma que] a cada uma era determinado um local apropriado como o quarto, o gabinete ou o salão” (ARIÈS, 1981, p. 185). A mudança da arquitetura das residências é uma das facetas do sentimento de família, que se tornou uma espécie de sociedade fechada onde é prazeroso permanecer e não

trunfa o individualismo, mas, de certa forma, a empatia coletiva. A preocupação com a educação torna-se um dos pilares dessa “nova” instituição moderna e que também ganha um novo domínio físico apropriado. A partir do século XV, a educação passou a ser fornecida preferencialmente nas escolas, garantidas por educadores, padres, católicos, pastores e protestantes. Preocupava-se com a carreira e o futuro do potencial *combustível* da História: a criança (DEL PRIORE, 2016).

Tem-se, assim, dois sentimentos presentes entre a transição dos séculos XIII e XVII: o primeiro, o sentimento de infância, oriundo do ventre familiar; e o segundo, proveniente de homens da lei, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes – que abordamos nos próximos tópicos. O século XVIII inaugura a preocupação com a higiene e a saúde física da infância, de forma que “um corpo mal enrijecido inclinava à moleza, à preguiça, à concupiscência, a todos os vícios” (ARIÈS, 1981, p. 105).

2.2.2 A disciplina da criança bem-educada

Assim, aos poucos, distinguia-se, entre adultos e crianças, a linguagem, as roupas, as brincadeiras e as profissões, em um processo de conservar nelas a moralidade e de educá-las. Surgiam novos gêneros literários, jogos e formas de representação. Se antes as crianças comungavam o mesmo universo que os adultos, a partir da sociedade moderna, nesta transição de sentimentos, manifestavam-se publicações reservadas a elas. De um lado, contos tradicionais eram revisitados e, de outro, publicações mais sérias eram destinadas aos adultos. Discutia-se a fragilidade e inocência da infância a partir da particularidade que destacava a sua ingenuidade e importância no seio familiar. Ao expressar que uma pessoa é “mais infantil” ou “mais velha”, flertava-se com o desenvolvimento de uma sociedade em curso do processo civilizador. Quanto mais civil, maior a distância em comportamento e estrutura psíquica entre crianças e adultos. (ELIAS, 1994)

[...] No fim do século XVI uma mudança muito mais nítida teve lugar. Certos educadores, que iriam adquirir autoridade e impor definitivamente suas concepções e seus escrúpulos, passaram a não tolerar mais que se desse às crianças livros duvidosos. Nasceu então a ideia de se fornecer às crianças edições expurgadas de clássicos. (ARIÈS, 1981, p. 83)

Essa evolução, correspondeu a uma necessidade de vigiar os filhos em instâncias antes destinadas à comunidade, como uma forma de treiná-los a resistir às tentações do mundo adulto e de civilizá-los diante de determinadas normas sociais vigentes (ARIÈS, 1981). A proliferação

e popularização das escolas imergia como correspondência a uma necessidade familiar de educação teórica, em que o menino bem-educado seria capaz de elevar os títulos de sua própria casa.

O colégio tornou-se então uma instituição essencial da sociedade: o colégio com um corpo docente separado, com uma disciplina rigorosa, com classes numerosas, em que se formariam todas as gerações instruídas do *Ancien Régime*. O colégio constituía, se não na realidade mais incontrolável da existência, ao menos na opinião mais racional dos educadores, pais, religiosos e magistrados, um grupo de idade maciço, que reunia alunos de oito-nove anos até mais de 15, submetidos a uma lei diferente da que governava os adultos. (ARIÈS, 1981, p. 111)

Se por um lado a escola estava sob a égide de católicos iluminados, por outro lado ela foi combatida por clericais conservadores. Para os primeiros, a combinação entre a filosofia clássica alemã e o cristianismo instigava a necessidade de iniciar a educação desde a primeira infância. Para um dos principais militantes da causa, Friedrich Froebel, a escola seria um espaço de fazer conhecer a essência íntima da vida e do próprio mundo (MANACORDA, 1992). Por isso, as formações religiosas e laborais estavam presentes nos primeiros anos da educação escolar, com o objetivo de formar a criança ao futuro do mundo, em que

[...] o trabalho, a atividade autônoma, na criança, é o jogo; e é necessário apresentar materiais para ajudá-la e favorecê-la. Estes materiais são os famosos presentes ou dons: a esfera, o cubo variamente subdividido, os pauzinhos, os mosaicos, que se tornaram a base didática do seu “jardim de infância”. (MANACORDA, 1992, p. 284)

A educação aos poucos se tornou prioridade nas relações humanas, de tal forma que o colégio se fez uma instituição essencial da sociedade, que tratava “tanto da formação como da instrução do estudante” (ARIÈS, 1981, p. 111). Ao analisar a literatura da época, Ariès destacou pontos comuns na pedagogia infantil que se inaugurava a partir daquele momento transicional. Em primeira instância, não se podia deixar a criança sozinha. Devia-se manter uma vigilância contínua, realizada com doçura e confiança, que a mantivesse em um espectro de amor, fazendo-a se revigorar por essa cautela minuciosa, no lugar de temê-la. Além disso, não se deveria mimá-la, habituando-a à seriedade e ao recato, fazendo que prezasse pela intimidade de seu corpo.

O sentido da inocência infantil resultou portanto em uma dupla atitude moral com relação à infância: preservá-la da sujeira da vida, e especialmente da sexualidade tolerada – quando não aprovada – entre os adultos; e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão. (ARIÈS, 1981, p. 91)

Com o progresso da civilização, cada vez mais ocultava-se dos olhos das crianças obras consideradas imorais. Estava ali, mesmo que invisível aos olhos, a declaração de que os modelos de repugnância e de sentimentos evoluíram a partir de um novo padrão de vergonha.

A partir dessa mudança social podemos compreender os problemas em se tornar um adulto e travar um percurso diante do crescimento da maturidade (ELIAS, 1994). Assuntos sexuais, por exemplo, ganharam peso ainda maiores perante a restrição do comportamento infantil, tornando-se um problema agudo e de grandes críticas entre escritores de diferentes épocas. Com mundos distintos, as crianças foram gradativamente separadas de assuntos considerados obscenos.

No processo civilizador, a sexualidade, também, é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada em um enclave particular, a família nuclear. De maneira idêntica, as relações entre os sexos são segregadas, colocadas atrás de paredes da consciência. Uma aura de embaraço, a manifestação de um sociogenético, cerca essa esfera da vida. Mesmo entre adultos é referida apenas com cautela e circunlóquios. E no caso de crianças, especialmente de meninas, essas coisas não são, tanto quanto possível, absolutamente mencionadas. (ELIAS, 1994, p. 182)

A sexualidade é apenas um tópico que indica como o condicionamento do homem educado e a separação dos dois mundos foram realizados à luz da suavização de condutas consideradas inadequadas, por meio de uma constante análise entre os seus pares e da autoimagem do próprio indivíduo. O uso do colégio como meio de disciplinarização faz parte desse processo de adequação da criança empreendida pelo processo civilizador. Desde a sociedade medieval, os homens começaram a se moldar aos outros mais deliberadamente, de tal modo que aumentou-se a intimidação diante de uma exigência de “bom comportamento”. Essa tendência foi potencializada por uma mudança na própria estrutura da sociedade, na *transição entre os séculos*, em que os laços sociais sofreram um processo de transformação. Se o “antigo” sentimento de família era atravessado por um caráter de linhagem e foi lentamente substituído por um cunho de primogenitura, a sociedade então acompanhou o entrelaçamento de pessoas de diferentes origens sociais. (ELIAS, 1994)

Entre os séculos XVI e XVII, uma hierarquia social mais rígida voltou a se firmar com elementos de berços sociais diversos, de tal maneira que “a estrutura alterada da nova classe alta expõe cada indivíduo de seus membros, em uma extensão sem precedentes, às pressões dos demais e do controle social” (ELIAS, 1994, p. 91). Em comparação com os séculos anteriores, o senso do que fazer, de como não se comportar, tornou-se mais sutil diante das novas relações de poder. Neste cenário inaugural, a mudança de tom, os aumentos das sensibilidades humanas e a observação dos seus iguais tornaram-se mais apurados em uma compreensão mais abundante do contexto e da realidade que cada indivíduo se insere.

Os códigos de conduta, as novas formas de comportamento do homem civilizado, os modos de falar sobre os fatos, as vestimentas adequadas e tudo aquilo que define os homens

estão em constante movimento, em uma lenta mutação de difícil percepção, em que ocorrem múltiplas flutuações e graduais transformações no comportamento e nas emoções diante do patamar da aversão (ELIAS, 1994). Neste momento inaugural,

O controle social [...] torna-se mais imperativo. E, acima de tudo, lentamente muda a natureza e o mecanismo do controle das emoções. Na Idade Média, o padrão de boas e más maneiras, a despeito de todas as disparidades regionais e sociais, evidentemente não mudou de qualquer forma decisiva. Repetidamente, ao longo dos séculos, as mesmas boas e más maneiras são mencionadas. O código social só conseguiu consolidar hábitos duradouros numa quantidade limitada de pessoas. Nesse momento, com a transformação estrutural da sociedade, com o novo modelo de relações humanas, ocorre, devagar, uma mudança: aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Em conjunto com isto é posto em movimento o modelo de comportamento. (ELIAS, 1994, p. 93)

Este sentimento de vigilância é também descrito por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, publicado originalmente em 1975. Amigo próximo de Ariès, o filósofo francês revolucionou, de certa forma, o modo de pensar e fazer política social no ocidente. Ao observar as escolas, hospitais e prisões, Foucault notou a presença desse “olhar panóptico” imanente à disciplina, que determina, em um primeiro momento, a distribuição espacial de corpos dóceis por meio da observação, do registro e do controle; também, a interiorização da norma e da percepção de segurança.

A obra de Foucault revela a faceta da pena enquanto meio de coerção. Na escola, na família e em outras instituições de poder, a comparação diante do castigo pode ser equivalente. Em busca de saúde, bem-estar e segurança dos indivíduos, as práticas do poder nesses ambientes podem ser vislumbradas – na história ocidental – por meio da execução do castigo. Para o autor, principalmente a partir do século XVIII, justamente na maturação dos sentimentos de infância e família, houve um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder. Nesta nova economia, o corpo torna-se um instrumento inédito de controle. Nas escolas, as carteiras são enfileiradas sob a mira do mestre, por exemplo. As classes passaram a se dividir em unidades estruturais, classificadas principalmente por idades, ciclos e disciplinas.

A diferença essencial entre a escola da Idade Média e o colégio dos tempos modernos reside na introdução da disciplina. Esta se estenderia gradualmente dos colégios às pensões particulares onde moravam os alunos, e, em certos casos, ao conjunto da cidade, embora na prática sem muito sucesso. Os mestres tenderam a submeter o aluno a um controle cada vez mais estrito, no qual as famílias, a partir do fim do século XVII, cada vez mais passaram a ver melhores condições de uma educação séria. (ARIÈS, 1981, p. 127)

Nesse contexto, o castigo disciplinar reduz os desvios a partir de um padrão previamente estabelecido por artefatos culturais e costumes da época. As penalizações são aplicadas diante de um padrão comungado que deve ser seguido, de tal forma que:

[...] trata-se ao mesmo tempo de tomar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora (FOUCAULT, 1977, p. 159).

Por um período, nesta separação de mundos, a prática dos adultos de surrar as crianças era encarada como uma atitude para lapidar os mais novos, de tal forma que “o sentimento da particularidade da infância, de sua diferença com relação ao mundo dos adultos, começou pelo sentimento mais elementar de sua fraqueza, que a rebaixava ao nível das camadas sociais mais inferiores” (ARIÈS, 1981, p. 118). O fato de humilhar os pequenos perpassava uma preocupação em distingui-las, melhorá-las.

[No Brasil] a doença e o sofrimento físico tinham alguma utilidade para a criação de homens verdadeiros. Mesmo conhecendo a moderna anestesia, a banalização de seu imaginário ainda não estava em curso, de modo que a dor física ainda podia endireitar a alma e erigir firmeza no pensamento. As surras levadas dos pais eram comumente entendidas como necessárias para formar um caráter reto. Varas de marmelo e chicotes de couro figuravam como serpentes que tomavam vida contra o corpo infantil julgado desobediente. (SANT’ANNA, 2013, p. 250)

Com a modernização da sociedade ocidental, aos poucos as velhas práticas foram abandonadas. Tratava-se, agora, de despertar na criança a responsabilidade em crescer, em criar a sua própria dignidade, de forma que “diminuem as compulsões originadas diretamente na ameaça do uso das armas e da força física, e que as formas de dependência que levam à regulação dos efeitos, sob a forma de autocontrole, gradualmente aumentam” (ELIAS, 1994, p. 185), incutida por estruturas da vida social, pela pressão das instituições em geral e por órgãos executivos da sociedade, como a família. O nível de agressividade, contudo, não é um padrão que sempre existiu enquanto uma unidade uniforme.

Na Idade Média, especialmente no século XIII, a guerra era uma relação de amor e de preparo físico do cavaleiro, em que ele encontrava prazer no constante estado de incerteza e de luta. A partir do século XV, as vinganças entre as famílias e as rixas privadas somaram-se à essa existência arriscada e sem planejamento para o futuro. Porém, era a estrutura dessas sociedades que geravam um padrão específico de controle e respingava nas personalidades dos próprios homens (ELIAS, 1994). Ou seja, os comportamentos e as emoções dos indivíduos são dependentes de suas formas de vida, dos costumes de onde vivem. Dado isso, com o avanço da

modernidade, a sociedade atribuiu o monopólio da força física a autoridades centrais, regidas por grandes instituições, em que os ataques físicos aglutinavam em determinados momentos históricos impessoais e que lutas eram decididas e chefiadas por representações hierárquicas.

A rudeza e as imoralidades tornaram-se traços específicos das camadas mais populares⁵ e dos chamados moleques. Teria, contudo, essa prática resistido nos âmbitos privados? N’*O Tico-Tico*, não é difícil encontrar tirinhas que representem, de alguma forma, o castigo físico como prática de educar os corpos, principalmente no âmbito familiar. Mesmo sob a linha editorial da educação infantil realizada sob “moderação e amor”, as palmadas, por exemplo, eram tidas como um método caseiro de disciplinar os pequenos indivíduos. Não sob o olhar ameaçador de um abusador, mas de quem visualizava na dor e no sofrimento uma forma de civilizar. A penalidade surge nesse contexto em que a criança precisava ser protegida, cuidada e respeitada, mesmo que submetida à duras tecnologias de conduta.

Figura 7: Na edição 35, de 6 de junho de 1906, Chiquinho, um dos principais personagens da revista, apanha de sua mãe após se recusar a ir visitar a avó⁶.



Fonte: *O Tico-Tico*, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

⁵ Há de se considerar, contudo, que a força física tomou formas de refinamento na sociedade moderna. Vale citar, por exemplo, determinados jogos esportivos (como as lutas com plateias), em que a agressão é socialmente permitida e manifesta-se por meio dos espectadores e geram identificação de grandes públicos. (ELIAS, 1994)

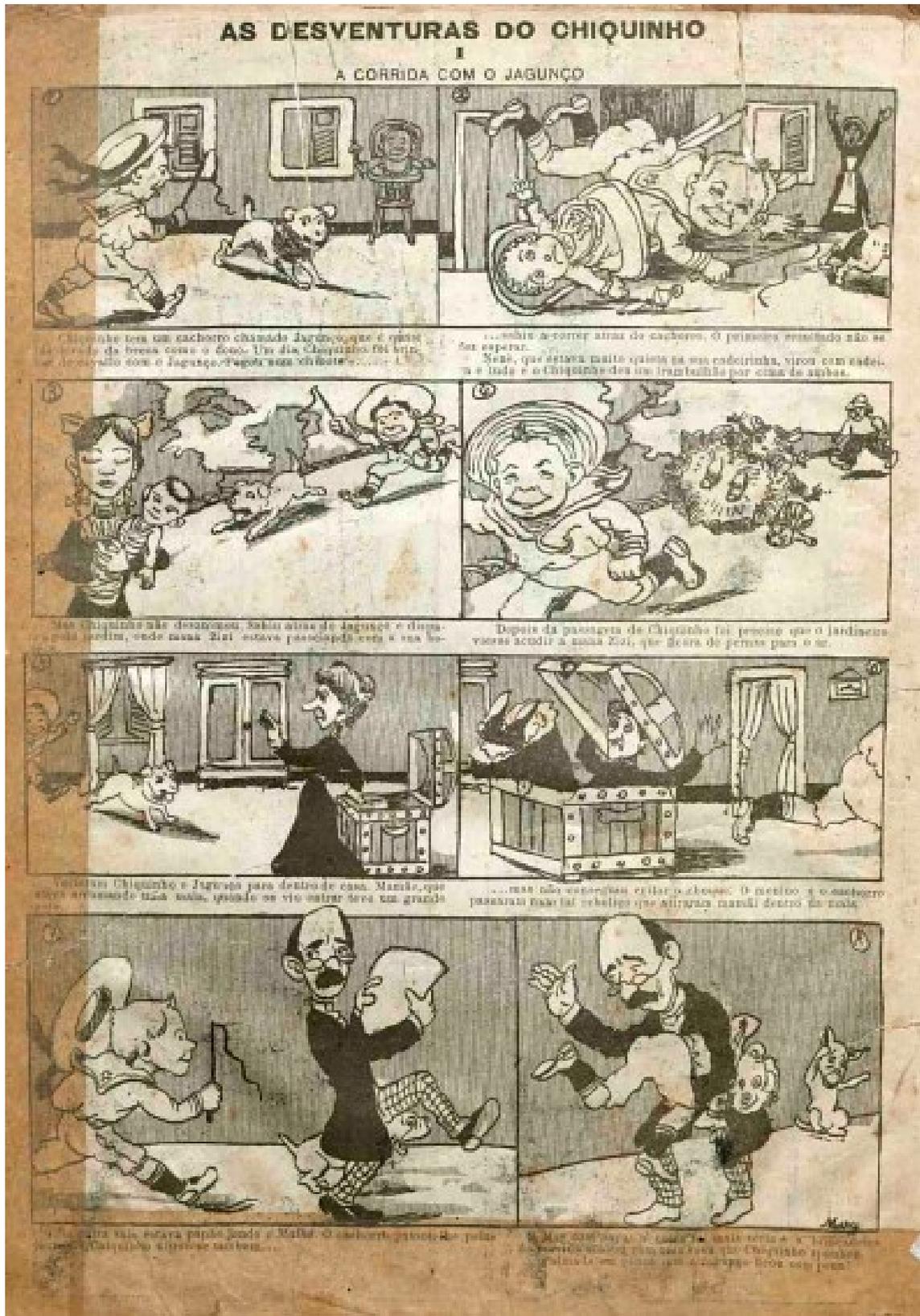
⁶ Na legenda está escrito: “E, allí mesmo, metteu-se numa sova em regra, porque *Mamã* já tinha escripto a *Vovó*, annunciando a partida de *Chiquinho*, e ficou furiosa com aquella esperteza.”

Ainda no âmbito escolar a educação física se renova como uma prática essencial à formação do homem, “que somente a Grécia antiga conheceu e desenvolveu em formas originais” (MANACORDA, 1992, p. 289). A educação pensada no corpo alinhava-se à edificação do próprio “espírito” intelectual. Essa nova dimensão da educação está ancorada em preocupações com a saúde, estética e higiene dos corpos. Historicamente, a ideia do corpo civil tomou diferentes rumos para ser exigidas: de anjos onipresentes que vigiam as crianças à vergonha diante de outras pessoas. A higiene passa a ser, na modernidade, o principal artefato para a arquitetura de um corpo disciplinado.

A maneira como a ansiedade é despertada nos jovens, a fim de forçá-los a reprimir o prazer, de acordo com o padrão de conduta social, muda com a passagem dos séculos. Aqui a ansiedade despertada em conexão com a renúncia à satisfação instintiva é explicada a si mesmo e aos demais em termos de espíritos externos. Algum tempo depois, a restrição auto-imposta, juntamente com o medo, a vergonha e a recusa a cometer qualquer infração, frequentemente aparece, pelo menos na classe alta, na sociedade aristocrática de corte, como vergonha e medo a outras pessoas. Em círculos mais amplos, reconhecidamente, a referência a anjos da guarda é usada durante muito tempo como instrumento para condicionar crianças. Diminui um pouco quando “razões higiênicas” e de saúde recebem mais ênfase e se pretende obter um certo grau de controle dos impulsos e das emoções. Essas razões higiênicas passam, então, a desempenhar um papel importante nas ideias dos adultos sobre o que é civilizado, em geral sem que se perceba que relação elas têm com o condicionamento das crianças que está sendo praticado. (ELIAS, 1994, p. 140)

A sociedade medieval desconhecia essa obsessão por problemas físicos, morais e sexuais da infância. Por isso, a partir do século XV, uma literatura especializada na moralização da sociedade ensinou aos pais, à família, que eles eram os responsáveis espirituais, perante Deus, por seus próprios filhos. Como explica Ariès, a “família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas” (ARIÈS, 1981, p. 194). A escola e família foram os protagonistas na concepção desse sentimento de infância. Juntas criaram um sistema rigoroso baseado no amor obsessivo, administrado por uma invasão da sensibilidade social e cultural em torno do sentimento, costume e gênero de vida. Cabia a eles, principalmente, cativar os bons modos de um garoto civilizado.

Figura 8: Na primeira edição da revista, o castigo físico já era ilustrado como uma forma de responder a atitudes consideradas grosseiras?



Fonte: O Tico-Tico, 1905. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Nas “desventuras” de Chiquinho, um dos principais personagens presentes nas páginas d’*O Tico-Tico*, a diversão tomava conta das histórias. Chiquinho surgiu do decalque⁸ de um personagem que também fez sucesso nos Estados Unidos: *Buster Brown*, criado em Nova York por Richard Felton Outcault em maio de 1902. No Brasil, a partir de nosso contexto civil, Chiquinho ganhou novos tons. Nas mãos dos ilustradores nacionais, as histórias recebiam novas falas e interpretações (VERGUEIRO; SANTOS, 2005). Não é de se estranhar que o personagem ganhou inovações e foi alterado ao longo dos anos, de forma que o contexto foi, aos poucos, moldando os cenários dos quadrinhos originais. Benjamin, por exemplo, era inédito quando apareceu na revista como um empregado da casa que era grande amigo do protagonista. As duas versões, a nacional e a estrangeira, comungavam, contudo, do fato do menino ser de uma família bem estabelecida economicamente e validarem-se de representações hegemônicas.

Loiro, saudável e de uma família burguesa, Chiquinho aprontava, era punido, arrendia-se e retornava para uma nova aventura na próxima edição d’*O Tico-Tico*. Na imagem destacada na página anterior, há alguns fatores interessantes que valem uma breve análise. Em sua corrida atrás de Jagunço, seu cachorro de estimação, o personagem topa com Nenè, uma pequena criança que, ao longe, era cuidada por uma *empregada* – que ergue os braços ao fundo, em aparente desespero. Logo após, Chiquinho derruba a sua irmã Zizi, que *ninava uma boneca*. Ao fundo, o *jardineiro* acudiu a menina às pressas. A mãe foi atirada para dentro da mala *enquanto a arrumava*. Foi o pai, contudo, que conseguiu *detê-lo*. Como destaca o narrador, com papai “a coisa foi mais séria”.

Ter empregados em casa, entender as atividades domésticas como responsabilidades femininas e incumbir principalmente às mães o papel de civilizar: esses são alguns dos pontos

⁷ Legendas dos quadros, na transcrição original. Quadrinho 01: “Chiquinho tem um cachorro chamado Jagunço, que e quasi tão levado da breca como o dono. Um dia Chiquinho foi brincar de cavallo com o Jagunço. Pegou num chicote e”. Quadrinho 02: “... sahiu a correr atraz do cachorro. O primeiro resultado não se fez esperar. Nenè, que estava muito quieta na sua cadeirinha, virou com cadeira e tudo e o Chiquinho de um trambulhão por cima de ambos”. Quadrinho 03: “Mas Chiquinho não desanimou. Sahiu atraz de Jagunço e disparou pelo jardim, onde mana Zizi estava passeiando com a sua boneca”. Quadrinho 04: “Depois da passagem de Chiquinho foi preciso que o jardineiro viesse acudir a mana Zizi, que ficara de pernas para o ar”. Quadrinho 05: Voltaram Chiquinho e Jagunço para dentro de casa. Mamãe, que estava arrumando uma mala, quando os viu entrar teve um grande susto”. Quadrinho 06: “... mas não consegui evitar o choque. O menino e o cachorro passaram num tal reboição que atiraram mamãe dentro da mala”. Quadrinho 07: “Na outra sala estava papae lendo o *Malho*. O cachorro passou-lhe pelas pernas e Chiquinho atirou-se tambem...”. Quadrinho 08: “Mas com papae a coisa foi mais séria e a brincadeira da corrida acabou com uma sóva que Chiquinho apanhou. Palmada em penca até o Jagunço ficou com pena!”.

⁸ O decalque é a técnica de realizar a cópia de um desenho em um papel vegetal para depois transferi-lo a outras plataformas. A imprensa ilustrada da época do surgimento d’*O Tico-Tico* ainda, em grande parte, utilizava essa tecnologia como forma de multiplicar as imagens e de criar novas figuras (VERGUEIRO; SANTOS, 2005). N’*O Tico-Tico*, essa prática também era utilizada como forma de preencher as diversas páginas da revista, em vista de que *O Jornal das Crianças* inaugurava um novo gênero no Brasil em que as ilustrações eram importantes elementos da comunicação gráfica. (VERGUEIRO; SANTOS, 2005)

da família a quem *O Tico-Tico* se destinava e se propunha, em grande parte, a representar. São famílias ancoradas em figuras e papéis de um grupo triunfante que nos ritos da vida privada burguesa encontravam formas de educar os filhos para as diferentes esferas da sociedade – respeitando os parâmetros de higiene, arquitetura, intimidade, vergonha e amor na construção de um núcleo familiar idealmente feliz (CAMPOS, 2009).

Nos quadrinhos, a representação da infância, quando destoante do ideal, era geralmente corrigida pela figura paterna. O Chiquinho era prontamente submetido às palmadas para que se prevalecesse os bons costumes e envergonhasse dos seus atos. N’*O Tico-Tico*, de edição em edição, os exemplos de criança e de família eram ofertados ludicamente em uma espécie de “jogo dos sete erros”, em que se deviam procurar as lições e os ensinamentos. Às crianças, as experiências do personagem ilustravam o que não fazer, em uma espécie reinterpretada e modernizada dos manuais de conduta do século XV. Aos pais, uma prescrição, por vezes cômica, de como educar e preparar os mais novos ao futuro do país. Inevitavelmente, essas recorrências surgiam n’*O Jornal das Crianças* de maneira que:

[...] o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num “ambiente decente”. A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como “doente”, “anormal”, “criminosa”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. (ELIAS, 1994, p. 146)

Sentimentos de infância e família surgem nesse contexto em que as mutáveis redes que interligam os indivíduos e estruturas sociais estão em transformação, em que costumes surgem e desaparecem em um processo civilizatório de uma busca por renovação de um país que parece estar atrasado em face das notícias que capturam uma Europa em ebulição. O castigo é empregado por meio de ferramentas supostamente capazes de educar o corpo “imperfeito”, aquele que pecou no autocontrole e precisa ser gerido por meio das rédeas do sentimento de vergonha. O castigo ao corpo não disciplinado n’*O Tico-Tico* é uma das formas de representar aquilo que acontece às crianças desobedientes. É também resquício de uma complexa sociedade que buscava se desenvolver a passos largos, de se adequar aos padrões ocidentais, mesmo que em um espaço geográfico e político diferente.

Em nosso catálogo, entendemos que o castigo é uma forma de educar – mesmo que de forma dura ao nosso olhar contemporâneo – uma população infantil responsável por acompanhar o fluxo de metamorfose da sociedade. Era preciso que corpo disciplinado se adequasse às normas vigentes. Os garotos não deveriam fumar, beber, jogar ou desrespeitar os

pais – atitudes que hoje parecem ainda mais inadmissíveis para os pequenos. Para *O Jornal das Crianças*, a escolha das profissões, as formas que se relacionariam com os seus pares e como se comprometeriam com a gestão dos seus tempos deveriam ser assuntos abordados desde a tenra idade.

Essa mensagem nos anos iniciais da revista foi ofertada aos moldes da construção de um exemplo contrário às condutas de comportamento. As histórias em quadrinhos e contos fantásticos narravam castigos àqueles que se desviavam de um caminho ideal. Em *Batalha contra Gaudério* há exemplos de meninos que foram mortos por desrespeitarem determinados costumes. Há ainda casos em que a punição surgiu após um longo período, em uma espécie de resposta que não tardou em falhar. Ora com narrações trágicas, ora cômicas, *O Tico-Tico* acreditou na elaboração de personagens que figuravam uma narrativa anti-heroica para infiltrar ideias no perfil de seus leitores do que era aceitável nos seus cotidianos e em suas trajetórias de masculinidade.

As instruções da “escola disfarçada de brincadeira” foram obedecidas e efetivadas pelos meninos? Ao observar as cartas dos leitores, a forma como reagem e contam as suas próprias histórias, potencialmente poderíamos nos levar a dizer que sim. Estaríamos negando, contudo, a possibilidade de resistência dos próprios garotos, da interpretação do que achavam adequado e de como poderiam absorver (ou não) as mensagens dos editores da revista. Descartamos o caráter de “quarto poder”, comumente atribuído à imprensa, ao mesmo tempo que reconhecemos o seu papel em influenciar o comportamento do menino leitor. *Tico-tico*, história e comunicação emaranham-se nesse processo de entendimento de um artefato cultural que representa e fomenta imagens de masculinidade e infância entre um público ativo, imerso em sua própria dinâmica criativa de compreender o mundo.

2.2.3 A efêmera formação das crianças brasileiras: uma breve descrição do contexto histórico na criação d’O Tico-Tico

Como se estrutura, então, o *nosso* sentimento de infância em um contexto marcado por uma herança histórica de colonizadores europeus e de mudanças no sistema de ensino escolar? Como questiona Mary Del Priore, na introdução de *História das Crianças no Brasil* (2016), “o que diferencia as crianças de hoje daquelas que antecederam no passado?” (DEL PRIORE, 2016, p. 8). No caso brasileiro, o universo que a criança supostamente *deveria* estar inserida era diferente daquele em que ela *de fato* crescia e vivia. Aqui, “as crianças são enfaticamente orientadas para o trabalho, para o ensino, para o adestramento físico e moral, sobrando-lhes

pouco tempo para a imagem que normalmente a ela está associado: do riso e da brincadeira” (DEL PRIORE, 2016, p. 8). *O Tico-Tico*, mesmo que associado ao entretenimento e à recreação dos pequenos, reforçou desde as suas primeiras edições a importância do trabalho. Para nós, era resultado desse cenário em transição, que inevitavelmente promovia vestígios desse momento residual enquanto buscava se modernizar a um novo sentimento de infância. *O Jornal das Crianças* não se absteve, contudo, em incentivar a educação nas escolas para a formação profissional.

Quando ainda se fala nas altas taxas de analfabetismo naquele período, uma conclusão rápida nos leva a crer que há algo diferente na trajetória brasileira. Diferente de outros países americanos, as populações nativas do Brasil não desenvolveram sistemas próprios de escrita (BRAGA; MAZZEU, 2017). Foi a Igreja Católica, por meio dos padres da Companhia de Jesus, que encabeçou o projeto de educação nacional, voltada principalmente aos meninos e baseado em um sistema de leitura, escrita e cálculo, com o ensino da gramática, das humanidades, da retórica, da filosofia e da teologia. Acreditava-se ser necessário “desmoralizar” as crenças daqueles que aqui viviam, em um processo civilizador de adequar o país aos parâmetros europeus. De uma ponta, a educação indígena dava-se por meio da catequização; e da outra, o ensino dos filhos de portugueses e descendentes de europeus com o ensino mais aprofundado. (CHAMBOULEYRON, 2016).

Em suma, a educação jesuíta começa a declinar com a assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, entre Portugal e Espanha, que sugeria uma remodelação na estrutura do ensino brasileiro a partir dos ideais iluministas. Enquanto os índios perdiam espaço nos ambientes escolares, o professor tornava-se protagonista nesse processo de instrução dos mais jovens. As aulas às crianças, geralmente acima de sete anos, eram ofertadas nas próprias casas dos professores. É apenas na transferência da Família Real e da Corte para o Brasil, no início do século XIX, que a arte, a cultura e a educação tomaram proporções e incentivos políticos. Daqui, sabemos por exemplo do surgimento da Imprensa Régia, das bibliotecas públicas, dos museus, dos cursos universitários e dos técnicos (BRAGA; MAZZEU, 2017).

Com a criação da Constituição Luso-brasileira de 1822, mesmo após a proclamação da independência, a educação não avançou territorialmente de fato, prejudicando principalmente as classes mais populares do país. A inauguração da primeira Escola Normal de Niterói ocorreu apenas em 1834, com a aderência de poucos alunos. Neste cenário, “preservou-se o modelo colonial, com a produção para o mercado externo focada na agricultura, na pecuária

e no extrativismo, aproveitando os fartos recursos naturais e a abundância de mão de obra de baixo custo” (BRAGA; MAZZEU, 2017, p. 32).

Figura 9: Por numerosas vezes O Tico-Tico reforçou às crianças a formação nas áreas de trabalho que tinham como foco a geografia, a mecânica, a eletricidade e a matemática. Dessa forma, segundo a revista, seria possível o homem “se tornar celebre e ficar riquíssimo”, como destaca a ilustração abaixo, publicada na edição 35, de 6 de junho de 1906 na seção “A arte de formar brasileiros”.



Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A escolarização e a emergência da vida privada surgiram em um ritmo próprio no Brasil, se comparado a países ocidentais em que o capitalismo se instalou anteriormente. O trabalho, para as camadas subalternas, continuava sendo a “melhor escola”. Isso se justifica por uma sociedade injusta na distribuição de suas riquezas, com clivagens que despontam para as relações escravocratas. Ainda na história brasileira, em um vínculo de poder marcado pela cor da pele, os negros africanos obedeciam não apenas aos seus “donos”, por quem foram comprados, mas também aos pequenos filhos dos donos de terras (DEL PRIORE, 2016). A

oportunidade de frequentar as escolas para essas pessoas e alfabetizar-se eram mínimas, de tal forma que essas marcas escravocratas, dividida entre classes tão rígidas, ainda ecoam na sociedade brasileira.

Por muito tempo na história do país, a ausência de políticas de Estado eficazes, voltadas para a formação educacional, atenuou a emergência de um sentimento de infância no Brasil, sendo que milhares de crianças se transformavam precocemente em gente grande (DEL PRIORE, 2016). A criação d'*O Tico-Tico* se dá neste cenário complexo e de transformação, dividido entre crianças sem acesso à educação e submetidas ao trabalho desde muito cedo; e aquelas que frequentavam as escolas e possuíam acesso aos ideais de ensino que circulavam na capital federal. É neste segundo horizonte, às crianças de classe média burguesa, que *O Jornal das Crianças* constrói o seu projeto editorial na tentativa de contribuir para o quadro de uma educação formal ainda em composição. Os meninos negros e os homens indígenas estavam presentes nas ilustrações e textos, ora como crianças humildes, ora sob traços exagerados de suas características físicas. A elas não era dado, contudo, o protagonismo das ações. Assim como também não eram incentivados, diretamente, o ensino e o saber.

Figura 10: Crianças negras presentes nas ilustrações da edição nº 40, de 11 de julho de 1906.



Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O Tico-Tico corroborou para a concepção da transformação gradual dos garotos em homens eficientes, em especial aqueles que estavam presentes nos espaços escolares e de educação formal. A revista colocou-se ao lado de uma instrução em que o ócio e o mau

comportamento eram criticados e punidos por meio de sanções físicas e psicológicas. A saúde e o corpo disciplinado eram medicados às nuances de novos remédios e tônicos que prometiam o desenvolvimento infantil. As ações da revista partiram de pilares pedagógicos, sanitários, jurídicos e publicitários para erguer à criança ao alto patamar que *mereciam* – como revela o editorial da primeira edição. Elas eram o futuro da nação. O surgimento do *Jornal das Crianças* está aqui, ancorado nesse processo lento de flutuação, em que nossa sociedade buscava se adequar aos novos modelos de civilização e educação.

O baixo grau de letramento das crianças brasileiras era o impulso para criar, por meio da imprensa, um caminho à difusão do conhecimento que visava fortalecer o aprendizado na infância. O estranhamento diante da quantidade de analfabetos estava implícito no conteúdo da revista, no contexto da época, e impregnava-se nos objetivos dos editores em *modernizar* a sociedade brasileira. O empreendimento fez parte de uma educação *não-escolar* que se preocupava em incentivar os estudos formais, nas escolas. A sua atenção estava direcionada para a formação profissional enquanto já se banhava por certo sentimento de infância. *O Jornal das Crianças* deu os seus primeiros passos no estímulo à formação dos pequenos prezando por suas próprias autonomias⁹.

Entre 1905 e 1906, a revista comprometeu-se em estimular a educação dos meninos e, de certa forma, a ampliar as oportunidades dos não-letrados em ter acesso ao conhecimento, em vista de que a leitura de *O Tico-Tico* precisava do mínimo conhecimento da língua portuguesa para tornar-se entretenimento e informação. A revista existia em um contexto onde o seu consumo não era a realidade para uma parte considerável da sociedade brasileira e, ainda assim, era distribuída por meio de milhares de exemplares. *O Jornal das Crianças* foi coadjuvante na formação do *nosso* sentimento de infância ao reconhecer nas crianças um tempo de vida especial.

Enquanto *O Tico-Tico* construía-se e as escolas popularizavam-se na sociedade brasileira, a infância paulatinamente tornou-se uma categoria social, em que indivíduos se reconhecem como tal. A escola, junto à família, imprensa e a outras instituições, tornou-se uma agência capaz de permitir à criança se ajustar à sociedade, sendo um importante elemento no processo civilizador do nosso país. Contudo, transformar os meninos em homens para que pudessem atuar no mundo do trabalho parecia ainda ser um elemento essencial neste panorama

⁹ Um exemplo que aqui pode ser citado são os concursos promovidos pela revista. *O Tico-Tico* contestava respostas que, aos seus editores, soava como uma construção adulta. A afirmação de que as crianças quem deveriam responder as charadas e questionamentos era constante e entendida como norma pela maioria dos leitores.

brasileiro, diferente do sentimento de infância maturado em outros países do continente europeu (DEL PRIORE, 2016).

2.3. Gênero: uma questão sempre aberta

Assim define Joan Scott (2012) ao explicar os estudos de gênero: *uma questão sempre aberta*. Se a considerarmos resolvida, é porque estamos, de certa forma, errados quanto aos resultados. Para a autora, o gênero é definido por um conjunto de sentidos dinâmicos historicamente constituídos por meio de relações de poder. Portanto, se o gênero é marcado por fatores culturais, históricos e contextuais, ele não é uniforme, é objeto de questionamento e de diálogo. O seu âmbito de aplicação permeia-se entre homens, mulheres, adultos e, claro, crianças.

Figura 11: Publicada na edição 41, de 18 de julho de 1906, os editores d'O Tico-Tico ironizam, por meio da narração cômica das duas crianças, a relação entre os pais.



Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A seguir, nos últimos dois tópicos desse capítulo de referenciais teóricos, discutimos as diferentes concepções sobre os estudos de gênero e explicitamos a adoção da nossa perspectiva, que será utilizada na construção do catálogo *Batalha contra Gaudério*. Como já antecipado, alinhamo-nos a Joan Scott ao entender de que o gênero é uma importante ferramenta para compreender as relações sociais humanas. Logo após, contextualizamos brevemente a história do homem no Brasil, por meio dos estudos de Mary Del Priore e Marcia Amantino, além de debatermos, por meio do contexto nacional, as representações hegemônicas de masculinidade.

2.3.1 Uma categoria de análise para estudar a história

Até o século XVIII, o termo “sexualidade” não comportava as relações como entendemos na contemporaneidade. Quem nos explica essa questão histórica, mais uma vez, é Foucault (1990), ao estudar a sexualidade e as relações de poder. Atravessado por um cunho filosófico, religioso e científico, o catolicismo e diferentes correntes científicas denotaram que homens e mulheres, por terem composições biológicas diferentes, resultariam em características psicológicas, sociais e comportamentais distintas (TILIO, 2014; SILVA, 2000).

A Teoria do Monismo prevaleceu por um longo período. Aqui, a mulher era entendida como uma versão invertida do homem. Feita da costela de Adão, nas mulheres o útero era visto como o “escroto”, os ovários enquanto “testículos”, a vulva como “prepúcio” e a vagina como o “pênis”. O modelo de perfeição era criado a partir do homem. Desse raciocínio “lógico” também se cria o essencialismo biológico: os homens, mais fortes em sua estrutura física, seriam responsáveis pela caça e pelo sustento do lar. As mulheres, menores, estariam determinadamente predispostas ao cuidado da prole e à procriação.

Entre a virilidade e o instinto materno, as práticas de se relacionar socialmente eram determinadas pelo sexo biológico. Na cultura e na história, exemplos se ramificaram baseando-se a partir dessa premissa dicotômica: força e fragilidade, público e privado, ativo e passivo, agressivo e delicado. A antropóloga Gayle Rubin, ao voltar o olhar para este aspecto sexo/gênero, o define como “um conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 179, *tradução nossa*¹⁰). Esse sistema binário de gênero reforça uma relação mimética restrita entre gênero e sexo.

¹⁰ No original: “A ‘sex/gender system’ is the set of arrangements by which a society transforms biological sexuality into products of human activity, and in which these transformed sexual needs are satisfied”.

A célebre frase de Simone de Beauvoir estampa uma das primeiras contraposições a esse sistema: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Assume-se aqui que a “fêmea” assume o seu papel social não necessariamente por meio de fatores biológicos, psíquicos e econômicos, mas, sim, por um “conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam como feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). As características femininas e masculinas são moldadas e insufladas por seus educadores e pela sociedade. Para Simone, no que tange a construção de gênero dos meninos,

Nesse ponto é que as meninas vão parecer, a princípio, privilegiadas. Um segundo desmame, menos brutal, mais lento do que o primeiro, subtrai o corpo da mãe aos carinhos da criança; mas é principalmente aos meninos que se recusam pouco a pouco beijos e carícias; quanto à menina, continuam a acariciá-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe, no colo do pai que lhe faz festas; vestem-na com roupas macias como beijos, são indulgentes com suas lágrimas e caprichos, penteiam-na com cuidado, divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos; contatos carniais e olhares complacentes protegem-na contra a angústia da solidão. Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. “Um homem não pede beijos... Um homem não se olha no espelho... Um homem não chora”, dizem-lhe. Querem que ele seja “um homenzinho”; é libertando-se dos adultos que ele conquista o sufrágio deles. (BEAUVOIR, 1967, p. 12)

Em consonância aos estudos de Simone de Beauvoir, principalmente a partir dos avanços feministas dos anos 70, diversas vertentes científicas surgiram e questionaram esses pressupostos baseados em uma estrutura biológica. O gênero esteve presente em múltiplos campos teóricos, transitando por diferentes conceitos que perpassavam as relações sociais e culturais. É efetivamente a partir do século XX que os estudos feministas explorariam à exaustão os papéis sociais de homens e mulheres. Entre essas pesquisas está Joan Scott, historiadora norte-americana que estudou a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero.

Segundo explica Joan Scott, o termo “gênero” surge em um contexto de rejeição das distinções baseadas no sexo, em uma recusa ao determinismo biológico. O gênero sublinharia o caráter relacional da construção de homens e mulheres, meninos e meninas, em um fenômeno em que o estudo sobre tal campo revolucionaria as diferentes áreas da Ciência. Ao se comprometer às categorias de classe, raça e, então, gênero, entendia-se, naquele momento, o compromisso do pesquisador com a “fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos” (SCOTT, 1995, p. 73).

Figura 12: Publicada na edição 24, de 21 de março de 1906, a ilustração reforça a narrativa de Beauvoir, em que "meninos, assustados com a dura independência a que são condenados, almejam então ser meninas" (1967, p. 12).



Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Dessa maneira, conforme exposto em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, Scott discorda do alicerce que se firma entre classe, raça e gênero, por sugerir uma paridade entre as três expressões. Para aqueles que utilizam o termo de classe, por exemplo, há uma equidade no uso dos conceitos marxistas, enquanto “raça” e “gênero” não se veiculam a tais associações. Na perspectiva da autora, os estudos sobre gêneros tenderam a utilizar formulações antigas para novas proposições, em um caráter limitado e generalizações redutoras. Naquele momento inicial, as pesquisas podiam ser resumidas em três grandes temas: explicar as origens do patriarcado, as críticas feministas de contexto marxista e, por último, a produção e reprodução da identidade de gênero.

O que poderiam fazer os(as) historiadores(as) que afinal de contas viram a sua disciplina rejeitada por certos teóricos recentes como uma relíquia do pensamento humanista? Eu não acho que tenhamos que deixar os arquivos ou abandonar o estudo do passado, mas eu acho, em contrapartida, que temos que mudar alguns dos nossos hábitos de trabalho e algumas das questões que colocamos. Temos que examinar atentamente os nossos métodos de análise, clarificar as nossas hipóteses operativas e

explicar como pensamos que a mudança se dá. Em lugar de procurar as origens únicas, temos que conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados. É evidente que escolhemos problemas concretos para estudar e esses problemas constituem começos ou tomadas sobre processos complexos, mas são processos que temos que ter sempre presentes em mente. Temos que nos perguntar mais frequentemente como as coisas aconteceram para descobrir porque elas aconteceram. (SCOTT, 1995, p. 75)

A proposta de Scott, então, é entender o gênero como um conjunto de sentidos dinâmicos pautados nas relações de poder entre homens e mulheres. Contrária ao essencialismo biológico, Scott não acredita que o sexo determina diretamente as características psicológicas dos indivíduos. O gênero, portanto, não seria *a* diferença sexual, mas as representações e relações de poder que *surgem a partir* dessa diferença. São as relações de poder, pautadas na história e nas organizações sociais, que definem como homens e mulheres “devem” manter suas interações sociais e culturais. Para Scott, “precisamos rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 78).

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 1995, p. 76)

Quatro elementos constitutivos se materializam na proposta de Scott para entender o gênero enquanto categoria analítica. Em um *primeiro* plano, a autora destaca os símbolos culturais, frequentemente contraditórios, que evocam representações múltiplas – Eva e Maria, luz e escuridão, purificação e poluição. Neste sentido, cabe ao historiador questionar quais representações simbólicas são evocadas em determinado contexto. Em *segundo*, os conceitos normativos limitantes e expressos por meio da religião, da escola, da ciência, da política e do direito, que tomam forma de oposições binárias e, muitas vezes, enquanto a única possível – de tal forma que “a história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito” (SCOTT, 1995, p. 76) –, precisam se desligar da noção de fixidade, das aparentes permanências.

Em *terceiro* lugar, Scott pontua a necessidade de visualizar o gênero inserido em aspectos institucionais e a partir de organizações sociais. Além do parentesco, é preciso incluir nas análises, por exemplo, o mercado de trabalho, a educação e o sistema político. Em último e *quarto* aspecto, Scott aponta a identidade subjetiva dos sexos como importante elemento para

entender as distribuições de poder e o acesso à recursos materiais e simbólicos, isto é, observando as implicações sociais nas representações de homens e mulheres.

O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os (as) historiadores (as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1995, p. 78)

Em um texto ainda mais recente, Scott reflete sobre como a palavra “gênero” ganhou novos sentidos e interpretações desde o final do século XX. Para variados estudos acadêmicos e feministas, a palavra tornou-se um sinônimo de “mulheres”. Como uma forma de explorar as suas próprias histórias, diferentes protagonistas utilizaram o termo como forma de denunciar os maus tratos de homens e do então intitulado patriarcado. Para diferentes organizações, “consciência de gênero” começou a significar a atenção ao que mulheres estão fazendo. Para Scott, contudo, o gênero deve ser uma “lente de percepção através do qual nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma “análise de gênero” constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos” (SCOTT, 2012, p. 332).

Outra questão observada por Scott, é que o termo se despolitizou. O uso analítico da palavra *gênero* é um instrumento para diagnosticar e extirpar a *desigualdade*, mas é importante ressaltar que as duas palavras não são sinônimas. “Qual é o padrão pela qual a igualdade é medida? Alguns governos e ativistas se opuseram ao que parece ser uma tendência ocidental oferecida como universal” (SCOTT, 2012, p. 339).

No que toca a linguagem, o termo desliza-se entre os significados de *sexualidade*, em que gênero é simplesmente um eufemismo para sexo ou uma alternativa educada para a palavra, de tal forma que “o que é tão estranho sobre estes frenéticos esforços para limitar gênero em dois sexos (masculino e feminino) é que gênero sempre se referiu precisamente a isto: a diferença sexual” (SCOTT, 2012, p. 342).

Se pegarmos gênero como um guia não simplesmente como homens e mulheres tem sido definidos em relação ao outro, mas também que visões da ordem social estão sendo contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos de definições masculino/feminino, chegaremos a uma nova visão sobre as diversas sociedades, culturas, histórias e políticas que queremos investigar. Gênero se torna não um guia para categorias estatísticas de identidade sexuada, mas para a interação dinâmica da imaginação, regulação e transgressão nas sociedades e culturas que estudamos. (SCOTT, 2012, p. 347)

Na elaboração de *Batalha contra Gaudério* buscamos atentar ao estudo de gênero a partir desses postulados, em uma investigação que se esforça a focar o olhar para as construções sociais e culturais na História como, também, para os debates que envolvem o tema. Conforme explicitado no início do tópico, gênero é uma questão aberta, em que respostas não são facilmente encontradas e problemas não são solucionados com respostas diretas. Antes de explicarmos os nossos alicerces metodológicos para a construção do catálogo aqui proposto, analisamos brevemente a masculinidade hegemônica na sociedade brasileira e a sua construção na transição dos séculos XIX e XX. Mesmo que a nossa análise d’*O Tico-Tico* se debruce sobre um período específico da história do nosso país (1905 – 1906) e revele um pequeno panorama desse contexto, consideramos a importância em entender minimamente como as flutuações de masculinidade e virilidade foram forjadas em nossa sociedade: como foram criticadas, reimaginadas e reinterpretadas meio a novas pesquisas. Ademais, a análise nos auxilia a pensar a masculinidade em nossa própria contemporaneidade para a preparação do catálogo.

2.3.2 O corpo masculino e a identidade nacional

Ao voltar o olhar para a construção do homem no ocidente ao longo da História, algo se revela em suas identidades sexuais e em seus papéis sociais. Há pouca confiança em seus próprios comportamentos e atuações na sociedade, que se exigem provas de sua masculinidade e virilidade (BEAUVOIR, 1967; BADINTER, 1993). A necessidade de exibir o gênero é uma característica presente na construção do homem moderno. A eles é requerido autenticidade. “O homem é, portanto, uma espécie de *artefato* e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito”, argumenta Elisabeth Badinter, na introdução de “XY: sobre a Identidade Masculina”, publicado originalmente em 1993. Beauvoir também já argumentava que:

A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças; ao mesmo tempo conhece as lições severas da violência; aprende a receber pancada, a desdenhar a dor, a recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa. Sem dúvida, experimenta-se também como "para outrem", põe em questão sua virilidade, do que decorrem, em relação aos adultos e a outros colegas, muitos problemas. Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele se faz ser, num só movimento. (BEAUVOIR, 1967, p. 21-22)

No final do século XX, restou ao ocidente um homem em seu mistério. Alguns “culpam” o movimento feminista dos últimos 60 anos em repensar a masculinidade e os comportamentos de virilidade. Afinal, o que é *ser* homem? Quantos homens cabem em apenas um? Mais uma vez, pensamos que voltar o nosso olhar ao passado seja um exercício interessante. Entender o homem, em sua masculinidade e na sua composição político-cultural, é o último passo para a finalização desse tópico teórico.

Entre a Colônia e o Império brasileiro, adentrar um conflito era símbolo de masculinidade (SCHNOOR, 2013). Conhecer uma mulher era símbolo de passagem para o mundo adulto. Nas ruas de um Brasil rural, a interação dos jovens era tomada como um ato público. Do outro lado do Oceano Atlântico, entretanto, essas atitudes eram questionadas pelas sociedades europeias, particularmente francesas e inglesas. De diferentes maneiras, as mulheres questionavam o embrutecimento dos costumes e dos homens.

O Século das Luzes representa um primeiro corte na história da virilidade. É o período mais feminista da história francesa, antes da época contemporânea. Por um lado, os valores viris se esmaecem, ou pelo menos não são mais ostentados. A guerra não tem mais a importância e o *status* de outrora. A caça torna-se distração. Os jovens fidalgos passam mais tempo no salão ou na alcova das mulheres do que exercitando-se nos quarteis. Por outro lado, os valores femininos se impõem no mundo da aristocracia e da alta burguesia. A delicadeza das palavras e das atitudes suplanta marcas tradicionais da virilidade. (BADINTER, 1993, p. 14)

A virilidade, em sua constituição histórica, é um modelo, não um atributo natural do homem, resultado de um conjunto de processos educativos, culturais e sociais que prolongam a dominação masculina. O marido “ativo”, procriador e, por outro lado, ponderado, contido e corajoso fazem parte desse arsenal de características que compõem o panorama da masculinidade moderna. Atravessando as sociedades em diferentes períodos históricos, a virilidade é, antes de tudo, um ideal de força, de virtude, de segurança e de dominação. “Tal poder está fundado em um ideal de força física, firmeza moral e de potência sexual profundamente enraizado na cultura, na linguagem, nas imagens e nos comportamentos que inspiram e instruem” (MÜLLER, 2013, p. 301). Ao longo desse processo, o século XIX traz ao cunho da virilidade, no bojo das guerras, o saber morrer pela pátria, a busca pela glória de sua nação, a necessidade de superar quaisquer desafios (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013).

A figura da virilidade que, na alba do século XIX, fazia parte de uma estética, a do sublime, de acordo com a atração dos românticos pela magnificência, a experiência dos limites, a poética do entusiasmo, da revolta e da renúncia, deve agora se redefinir; mesmo se o vínculo que ligava essa virtude à autoridade, à gravidade, a uma certa radicalidade não está, verdadeiramente, colocado em questão. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 13)

Enquanto as mulheres lutavam por suas emancipações, nas fábricas do mundo industrial europeu os “homens não mais encontram no trabalho o que possa realçar suas qualidades tradicionais. Nem força, nem iniciativa, nem imaginação são mais necessárias para se ganhar a vida” (BADINTER, 1993, p. 16). Se os homens temiam por suas identidades, são as grandes guerras que interrompem, mesmo que momentaneamente, a angústia masculina diante do seu papel na sociedade. No Brasil, proclamada a independência, inicia-se um longo processo de construção de identidade de pátria (MELO, 2013).

No “novo” Brasil, surgia, aos poucos, uma nova performance em público que se alinhava ao corpo enquanto máquina-viril. Com o sentimento de defesa da pátria, fazia-se necessário formar um grupo que defendesse o país em momentos de crise. Mais do que isso, tornava-se claro a necessidade de criar um *corpo* que correspondesse às estratégias de crescimento da nação. Junto a um sentimento de preocupação com a saúde da população e com o saneamento básico (SEVECENKO, 2001), a ginástica tornou-se uma tecnologia capaz de oferecer a manutenção da boa forma ao combatente e disciplinar as tropas, de tal forma que “os tipos físicos fortes e musculosos começaram a ser progressivamente valorizados” (MELO, 2013, p. 125).

As práticas de esporte institucionalizadas – nas escolas, enquanto prática de educação física, por exemplo – no contexto brasileiro apresentavam ao modelo de homem nacional referências simbólicas que exploravam a exposição corporal e suas exposições no espaço público. Se antes a interação no solo nacional era dada por meio dos relacionamentos *deles* com *elas*, a partir do século XIX o espaço social torna-se mais do que um espaço de interação. Torna-se também uma forma de experimentar o corpo enquanto suporte físico, de experimentar o autocontrole corporal e a demonstração de seu desempenho.

Veremos que, no decorrer do tempo, a prática de atividades físicas e a ideia de masculinidade (os papéis sociais aceitos e valorizados para os homens) dialogaram. Progressivamente, por exemplo, os esportes ofereceram ao mundo masculino a oportunidade de exporem publicamente suas provas de heroísmo e valentia, cujas demonstrações mais explícitas são algumas marcas corporais: cicatrizes, cortes, arranhões. (MELO, 2013, p. 129)

A apresentação dos exercícios, nos mais diferentes formatos, era objeto de comparação e demonstrativo de virilidade. Em sua altivez, o endurecimento, por vezes literal, era uma ousadia de coragem da juventude que moldaria as características dessa nação. A valorização do ativismo e do protagonismo são sinais de uma nova moral masculina em construção. O menino, desde a sua mais tenra idade, deveria endurecer-se, tornar-se homem. “Muitas vezes, precisa

suportar a separação da mãe e da família, provar sua capacidade de vencer o frio e a dor, reprimir as lágrimas, receber, sem pestanejar, maus-tratos e punições” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 8). Em termos gerais, a educação para o *espaço público* era uma obrigação paterna (PERROT, 2009). Em sua análise, Beauvoir (1947) postulou que:

A hierarquia dos sexos manifesta-se a ela primeiramente na experiência familiar; compreende pouco a pouco que, se a autoridade do pai não é a que se faz sentir mais quotidianamente, é, entretanto, a mais soberana; reveste-se ainda de mais brilho pelo fato de não ser vulgarizada; mesmo se, na realidade, é a mulher que reina soberanamente em casa, tem ela, em geral, a habilidade de pôr à frente a vontade do pai; nos momentos importantes é em nome dele que ela exige, recompensa ou pune. (BEAUVOIR, 1947, p. 28-29)

Dentro de casa, eram eles, durante o século XIX, que estabeleciam as leis, o que os transformava em uma espécie de chefe grave e austero. Eram os filhos homens, preferencialmente, que exerciam a autoridade patriarcal (DEL PRIORE, 2013). Alinhado à Igreja Católica na educação dos pequenos, a transformação dos meninos em homens era um processo rápido e de responsabilidade do pai, em uma articulação entre o Estado e Igreja. Assim como a representação simbólica de homem alterou-se durante o século XIX, a presença deles no espaço público e privado mudou.

Durante um século, a imagem do pai se transformou. De início, aliou-se à igreja e à escola, depois à medicina, para exercer o seu poder. Mas, pouco a pouco, viu seu poder escapar entre os dedos. Ao longo de cem anos, sua imagem ganhou novas figuras. Modelos, representações e realidades impuseram lenta, mas inexoravelmente, um recuo ao poder do patriarca (DEL PRIORE, 2013, p. 160).

Neste âmbito de construção paterna, destruir a sua autoridade era equivalente a atentar contra a moral e os bons costumes. No âmbito público, mostrar-se fraco era uma desonra ao seu papel na sociedade. No bojo do século XIX, algumas mudanças no contexto nacional trariam uma recodificação desse sentimento paterno diante de sua família e de seus filhos. A pedagogia do progenitor começou a ser dividida com a vida dos estudos e da formação profissional dos jovens. Os pais deixavam de ser a única fonte de conhecimento dos seus filhos (DEL PRIORE, 2013). Essa nova dimensão da sociedade moderna moldou os sentimentos dos pais. O nascimento, o batizado, os primeiros aniversários eram marcas de um patriarca que deixava ao passado o teor tirano para se responsabilizar pelo amor à criança e o bem da família.

Festejar nascimentos, enterrar os filhos, mas sobretudo encaminhá-los, essa se tornou a tarefa maior dos pais. Tal como nos séculos anteriores, cabia ao pai a transmissão de conhecimentos que iriam garantir o futuro do filho. A educação era uma obrigação paterna sublinhada permanentemente pela Igreja, retomada em outra ótica pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau, traduzido para o português em 1822: “Como a

verdadeira nutriz é a mãe, o educador é o pai”. Ele dizia que mais valia o zelo do que o talento. Que cabia ao pai transmitir deveres, não aos professores (DEL PRIORE, 2013, p. 176).

Figura 13: Em um dos anúncios d'O Tico-Tico, a presença do pai na narrativa dos meninos é vista como uma manifestação de alta confiabilidade, que determina padrões e funda comportamentos. A publicação é datada de 17 de janeiro de 1906, na edição 15.

Annuncios d'O Tico-Tico



— Eu já sou um homem, papai vai me mandar aprender engenharia e praticar machinas nas grandes fabricas do Sr. Costa Cabral, á rua da Alfandega 176 e Tobias Barreto 50. Allí se fabricam cartas de jogar, imprime-se sobre papel ou folhas de Flandres, manufacturam-se todos e quaesquer artigos de folha ou zinco, cartazes-réclames, etc., etc.

— Pois eu tambem irei lá praticar ; não vou já porque ainda estou no A B C. Papai realmente já me disse que nessas fabricas se trabalha muito bem e muito barato. Isso é velho, e por isso é que elles não têm mãos a medir.

O Sr. Costa Cabral recebe dezenas de encommendas por dia !

Fonte: O Tico-Tico, 1906. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A civilidade desse novo homem nacional se construiu ao longo de rupturas, em uma mescla de valores tradicionais e novos, que chegavam importados da Europa ocidental e ganhavam novos tons em solo brasileiro. A imagem de um homem letrado, urbanizado e burguês conquistou um novo espaço na sociedade brasileira: nas competições esportivas, nas construções da virilidade com presença do corpo, na forma como filhos eram conduzidos ao

futuro. Ainda ao longo do século XX, percebe-se a inserção do automobilismo e da aviação como uma forma da extensão da masculinidade, por exemplo. (SANT'ANNA, 2013) A aquisição e administração das novas tecnologias eram capazes de elevar os homens no cotidiano da sociedade. A perspectiva de enfrentar o mundo e aventurar-se pelo desconhecido ganhou novas tonalidades em que *ter* dinheiro era um aspecto que engradecia e dignificava (MELO, 2013).

O Tico-Tico pode, então, justificar os seus fins. É aqui que a revista finca suas raízes. Em um momento em que a educação dos meninos ganha tons de carinho e passa a ser partilhada entre diferentes instituições, que o *Jornal das Crianças* encontrou no contexto nacional, no recém-inaugurado século XX, a melhor legitimação para o seu crescimento. Em um momento em que a coragem ainda precisava ser colocada à prova e justificada, a “escola disfarçada de brincadeira” somou-se à missão de civilizar os garotos brasileiros. Neste universo de representações de masculinidade, o posicionamento dos meninos foi reinterpretado e reforçado por meio de ilustrações, contos, poesias e concursos vinculados semanalmente a milhares de crianças. *Batalha contra Gaudério* empenha-se em contar um pouco dessa história.

3. O CATÁLOGO *BATALHA CONTRA GAUDÉRIO*

Quanto mais se recua no tempo, mais se percebe a leitura enquanto valor sagrado. Há menos de três séculos, os leitores tentavam (por vezes, literalmente) digerir os livros em sua totalidade, seja em corpo e alma¹¹. A leitura assumia um exercício espiritual e uma característica de *atividade social*. É a partir do século XIII, por exemplo, com as faculdades, que as pessoas começaram a ler sozinhas e em silêncio, como é realizado até hoje. Isto implica uma maior adaptação mental, em uma experiência particular e íntima. Mais do que isso: provoca um esforço individual em encontrar sentido no mundo e em um universo próprio (DARNTON, 2010), de forma que a literatura assume um papel de artefato cultural, inserido em um contexto histórico em que “o significado de um livro não se encontra imobilizado em suas páginas, mas é construído por seus leitores” (DARNTON, 2010, P. 193).

Neste capítulo, apresentamos a relação entre o papel social da imprensa e as representações sociais, alinhando-nos metodologicamente aos estudos de Robert Darnton e Roger Chartier. Também introduzimos o que consideramos ser um catálogo, além do relato do trabalho e da exequibilidade do projeto. A nossa proposta para o produto do mestrado profissional é um encontro entre o jornalismo e a arte – por meio do design gráfico – que se aproveita de ferramentas histórico-culturais para analisar as masculinidades presentes na infância brasileira do início do século XX, especificamente no primeiro ano de publicações d’*O Tico-Tico* (1905 – 1906).

3.1. As particularidades do mundo

A proposta de descobrir o particular (CHARTIER, 1991) e concentrar-se no leitor comum (DARNTON, 2010) é algo desafiador. Ao “abandonar” o Marxismo e o Estruturalismo, na obliteração das técnicas clássicas da História, surgem novos modos de ver o mundo, principalmente ao adotar métodos oriundos da Linguística e da Semântica. É o que teoriza o historiador Roger Chartier, em *O Mundo como Representação*, publicado originalmente na revista *Annales* em 1989 em uma espécie de proposta que emprega a renúncia à história global, à definição territorial dos objetos de pesquisa e ao recorte social. A ideia é construir uma História Cultural do Social, de modo a

¹¹ Era o caso, por exemplo, de uma mulher na Inglaterra, que comeu o Novo Testamento como remédio para convulsões. (DARTON, 2010)

[...] decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles (CHARTIER, 1991, p. 177).

A leitura, seja em livros, jornais ou websites, assume, então, uma característica de *prática cultural*, inserida em um contexto histórico, de tal forma que analisar criticamente “onde” ocorre a leitura propicia indícios sobre a experiência do leitor e da perspectiva das instituições. Quando Robert Darnton, em *O Beijo de Lamourette* (2010), teoriza que “toda notícia que couber, a gente publica”, demonstra a importância do contexto de uma produção literária (e jornalística) que molda, de certa forma, a experiência da leitura e, conseqüentemente, do próprio leitor. Isto é, os textos assumem uma relação com as concepções culturais prévias à construção textual. Em nosso caso, os textos d’*O Tico-Tico*, em seus diferentes gêneros, assumem uma maneira de enxergar o mundo dos leitores, de tal forma que se revela um *objeto cultural*.

A leitura não evolui numa direção única, a da extensividade. Ela assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em épocas diversas. As pessoas liam para salvar suas almas, refinar suas maneiras, consertar suas máquinas, seduzir os namorados, informar-se sobre as atualidades e simplesmente para se entreter. (DARNTON, 2010, p. 179)

Ao realizar os estudos críticos dos textos, literários ou não, é possível compreender como a circulação multiplicada da literatura (em nosso caso, a impressa e periódica) modificou “as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou relações com o poder” (CHARTIER, 1991, p. 178). Daí a importância em entender o contexto em profundidade (DARNTON, 2010), como um processo historicamente determinado por modelos que variam por diferentes fatores, como o tempo, o lugar e a comunidade, incumbidos de suas formas de transmissão e venda. A leitura é encarnada por gestos, espaços e hábitos (CHARTIER, 1991), de tal forma que ao

[...] voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1991, p. 177)

A leitura, aqui, se dá por uma relação com o outro ou com o próprio leitor, inscrita em um espaço e existente por meio de uma materialidade provida de estratégias de escrita e

intenções autorais, além de submetida a critérios de edições ou ainda exigidas a partir de particularidades da impressão (como o tamanho do objeto, a tonalidade das cores e a gramatura do papel, por exemplo). A leitura ainda é centralizada por estratégias simbólicas que determinam relações e que constroem uma *representação* constitutiva de sua identidade (CHARTIER, 1991). *Representação* esta entendida aqui como uma “relação entre uma imagem presente e um objeto ausente” (CHARTIER, 1991, p. 184), que considera índices seguros de uma realidade que não é.

A representação, portanto, “transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso da força bruta” (CHARTIER, 1991, p. 185). Ao analisar as representações dos meninos na revista *O Tico-Tico*, consideramos também as estruturas, expectativas e competências do público, de forma que nos obrigamos a considerar os discursos dos próprios dispositivos junto a suas articulações retóricas e estratégias de persuasão.

Ao olhar para o leitor comum, consideramos a sua descontinuidade e sua discordância, de forma que se faz necessário compreender os discursos presentes na leitura d’*O Tico-Tico* por meio de suas especificidades, inscrita “em seus lugares e (meios) de produção e suas condições de possibilidade, relacionada aos princípios de regularidade que ordenam e controlam” (CHARTIER, 1990, p. 187). Ao olhar para a revista, tratamos o periódico como uma coletânea de relatos, que oferece respostas dadas por outros, “tanto nas rotinas diárias de suas vidas quanto na organização formal de suas ideias” (DARNTON, 2010, p. 16-17). É a partir desses diferentes relatos que construímos o catálogo temático.

A nossa proposta, portanto, foi a de analisar as revistas em busca de uma recorrência e de elementos icônicos a fim de estabelecer uma seleção temática (sobre o castigo, trabalho e disciplina ao corpo) das edições previstas, levando em conta a coerção do texto sobre o leitor e questionando as condições sociais da leitura d’*O Jornal das Crianças*, de modo a combinar a análise textual e a pesquisa empírica. Assim, será possível comparar os leitores implícitos dos textos e os leitores efetivos do passado (DARNTON, 2010), considerando a imprensa como espaço de diálogo e controvérsias.

Assumimos, assim, a História como desenvolvimento da sociedade, e não tanto enquanto o desdobramento de simples fatos (DARNTON, 2010), na medida que possamos atingir o objetivo de interpretar a cultura e o contexto em que se deu o lançamento e fortalecimento d’*O Tico-Tico* e a sua relação com os milhares de pequenos leitores espalhados pelo Brasil. Além disso, entendemos a literatura e a produção social da imprensa como uma

instância de poder (DARNTON, 2010) – não como função absoluta alienadora que ignora as interpretações e resistências do próprio leitor, muitas das vezes assimilada ao conceito genérico de “quarto poder”.

Em um momento em que a população brasileira crescia e a valorização da alfabetização estava sob os holofotes revigorantes dos novos tempos (SEVCENKO, 2001; COSTA; SCHWARCZ, 2000) a criação e o desenvolvimento d’*O Tico-Tico* se dá em um território de efervescente teor educacional, em que civilizar a infância era uma urgência da pátria. E é justamente o *Jornal das Crianças* que se coloca nessa função de impulsionar a formação civil, como um motor de transformação econômica e veículo de instrução, munido de *representações* (CHARTIER, 1991) masculinas e infantis.

3.2. O catálogo como proposta de arte

O nosso objetivo *não* é recontar, por meio de fatos, a história do *O Tico-Tico*. Este percurso já foi realizado por outros pesquisadores. Vale aqui citar Zita de Paula Rosa, em “O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica”, publicado em 2002 como resultado do seu trabalho de doutorado em História Social na Universidade de São Paulo (USP). A historiadora colocou sob questionamento o mito da formação sadia pautada na revista. Também vale destaque o primoroso “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”, organizado por Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos, em 2005, 100 anos após a primeira publicação impressa da revista. Criado com um ar pomposo, o livro rememora e discute as condições de publicação do *O Tico-Tico*.

Pretendemos, sim, pautarmo-nos na primeira publicação periódica infantil direcionada às crianças como uma fonte histórica para vislumbrar as condições e o contexto de uma determinada época, a fim de refletirmos as permanências e superações das representações de masculinidade na infância. O que mudou em aproximadamente 100 anos? Uma das possibilidades de tratar este conteúdo, portanto, é o preceito do catálogo temático com ferramentas do jornalismo literário por meio de técnicas oriundas da documentação da arte e da comunicação.

É fato que o jornalismo e a literatura, ao longo dos séculos, tomaram caminhos divergentes, mas é interessante observar que

A base do que faz o jornalista, a matéria-prima de que se utiliza, é a palavra. O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. Entre os dois elementos, não há diferença técnica, a não ser em espécie de intensidade. Espécie e intensidade, no entanto, separam também uma forma

literária de outra, um ensaio de um romance. O que acontece é que o plano do jornalismo é o de uma literatura para imediato consumo (...) (OLINTO, 1953, p. 19).

O jornalismo literário, junto às metáforas, anedotas e demais construções narrativas, fundamentais para o texto criativo (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 67), trazem à tona um formato que propicia o *sentimento* de uma boa leitura, fundamentada pelos pilares na imersão, humanização, autoria e criatividade (VILAS BOAS, 2008), de tal forma que

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo um participante da ação. Além do visto, o não-visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo fato, pela atenção e pela acuidade. Os sentidos do repórter se encontram permanentemente alertas na leitura dos acontecimentos – seja uma cor esmaecida, um sopro quente, um aceno interrompido, uma textura áspera, um aroma inesperado, um suspiro que se liberta, um ranger intermitente (NECCHI, 2007, p. 5-6).

Essa relação entre o jornalismo e a literatura foi marcada e recriada por grandes jornalistas, tais como Ernest Hemingway, Gay Talese, Truman Capote e outros em uma corrente técnica que ficou conhecida como *New Journalism*. Esta fluência de uma prática textual desenvolveu-se, primeiramente, nos Estados Unidos, quando o país efervescia em meio às novas tomadas culturais do espírito transgressor da década de 1960. Para tanto, significa potencializar os recursos do jornalismo e proporcionar visões amplas da realidade por meio de relatos profundos (PENA, 2006).

Dado isso, como combinar a narrativa jornalística literária ao catálogo, um objeto com função de “inventário”? No século XIII, como formato de livro, o catálogo já desempenhava uma função instrumentalista, como espaço topográfico de coleção (SILVEIRA, 2004). Com o surgimento da imprensa, contudo, houve uma mudança gradual nos códigos de catalogação em que se empenhava uma ênfase na *autoria* das publicações. Tal movimento aumentou e, no século XVIII, a *Bodleian Library* – a principal biblioteca de pesquisa da Universidade de Oxford – reuniu de forma documental vários trabalhos de um autor junto a suas diferentes manifestações, como edições e traduções. Com a revolução industrial, os livros começaram a ser considerados artefatos físicos e o controle bibliográfico baseado na unidade bibliográfica, e não na unidade literária. Esse percalço é um dos primeiros a serem considerados como trabalho de catalogação nas bibliotecas, resultado de uma sociedade que se tornava cosmopolita e precisava estruturar seu conhecimento (FIUZA, 1980).

O catálogo, desde então, tem cumprido diferentes funções e sido interpretado a seu modo em diferentes áreas do conhecimento. Nas bibliotecas, eles são instrumentos eficientes para informar se a instituição possui determinados livros, edições ou traduções. No contexto

dos museus, ele é resultado de uma pesquisa efetuada diante de uma determinada coleção (DESVALÉÉS, MAIRESSE, 2013). Na biologia, ele reúne diferentes espécies de animais em determinados locais geográficos. Na arte, ele reúne uma extensão do que foi colocado em exposição, que inclui fotos das obras a fim de apresentá-las junto a informações técnicas.

É a função que define o catálogo como tal. Ele indica, arrola, registra, classifica, ilustra, explica etc. O formato é secundário, podendo ser mesmo um prospecto de algumas páginas. Mas em geral se aceita a designação quando voltada ao menos para um pequeno livreto, mesmo que de pouquíssimas páginas. A lógica interna é a da organização de informações referentes a algo passível de ser classificado ou demonstrado como inserido num conjunto maior. Pode existir, acompanhando uma exposição ou um acervo de qualquer espécie, na forma de um guia, uma revista especializada, um cartaz diagramado para isso, um mapa explicativo, ou um impresso outro, mais elaborado. Se a sua identidade permanecer explícita, importa pouco a sua forma. Mas, por princípio, ele é um livro comum no aspecto externo, porém especializado e funcional. (SILVEIRA, 2004)

Neste sentido, *Batalha contra Gaudério* é um catálogo de imagens comentado, que cumpre o objetivo de veicular um panorama d’*O Tico-Tico* a partir de um acervo disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Utilizamos a ideia de “catálogo temático” como uma ferramenta para demarcar, por meio do jornalismo literário e do design gráfico, as representações de masculinidade presentes nos primeiros anos d’*O Tico-Tico*. Contudo, o catálogo não pretende esgotar toda a produção deste período, em vista de que a escolha das imagens e textos foi realizada diante das recorrências observadas em nossas leituras.

O catálogo proposto também não é meramente a reprodução do conteúdo presente n’*O Tico-Tico* e, graficamente, não remete à identidade visual da revista. A sua intenção é ser uma obra produzida enquanto um espaço expositivo autônomo e autoral que opta por negar a mera documentação, mas vislumbra nesse processo de registro uma prática de reflexão. *Batalha contra Gaudério* não é um simples registro das ilustrações, textos, concursos e outros elementos veiculados nas páginas da revista. Unindo a narrativa literária do jornalismo à uma narrativa visual, a proposta é criar um catálogo a partir de uma nova “temporalidade” com o horizonte d’*O Tico-Tico*, isto é, interpretada por um jornalista e designer gráfico dotado de um olhar contemporâneo.

Para tanto, utilizamos o catálogo enquanto suporte e como um terreno de livre experimentação (FREIRE, 1999), em que “a publicação deixa de ser um acessório, um complemento; [e] reveste-se de certa autonomia pois, não raro, prescinde dos objetos ‘originais’” (FREIRE, 1999, p. 125)”. Isto se dá em função de entendermos *O Tico-Tico* como um artefato cultural e artístico, que não se caracteriza como uma obra no sentido tradicional,

mas que foi ocupado por elementos transitórios, de materiais menos duráveis, que impactam leitores espalhados pelo Brasil.

Essa ideia de catálogo surge a partir da segunda metade do século XX, em que a criação artística passa por modificações profundas diante da arte Conceitual. O catálogo passa a reafirmar a apresentação da obra em um contexto em que ela não está presente, mas que, entretanto, ainda mantém traços e memórias de seu originários (FREIRE, 1999). Sendo assim, o nosso catálogo, enquanto proposta de arte, não desempenha a função de documentar e reproduzir o seu conteúdo de origem, mas funciona como uma obra autossuficiente, de forma que “por sua identidade mais aberta, é um poderoso espaço alternativo. Atende às instituições, apresenta um canal para o ensaísta, oferece um suporte diferenciado para o artista e informa (ou diverte) o público” (SILVEIRA, 2004).

Se utilizamos ferramentas do jornalismo literário, por meio de uma narrativa autoral, mas ainda preenchida de informações e fatos, empregamos as ferramentas do design gráfico como forma de potencializar a linguagem visual do catálogo, entendendo-o como um processo de idealização, criação, desenvolvimento, concepção e elaboração de algum determinado produto, enquanto uma atividade estratégica, técnica e criativa que se coloca a solucionar um problema em um vínculo prático entre arte e tecnologia (BOMENY, 2009).

3.3. Relato do desenvolvimento do trabalho

A minha passagem pela Universidade, desde a graduação, foi marcada pelo diálogo sobre gênero e a sua miríade de tópicos adjacentes, como os feminismos, as masculinidades e os processos históricos da virilidade. Em minhas pesquisas acadêmicas, nos eventos universitários e nas reportagens especiais¹², o tema esteve, de certa forma, presente – mesmo que apenas na abordagem jornalística ou na concepção da linha editorial dos novos produtos dos quatro anos do curso de Comunicação Social. Dar continuidade ao tema na pós-graduação surgiu organicamente como uma vontade de aprofundar o estudo.

O catálogo *Batalha contra Gaudério* é o resultado dessa busca por entender uma parte da nossa cultura, de algo que *incomoda*. Por entender que a formação das crianças é algo essencial para a concepção da sociedade civil, o assunto torna-se particularmente ainda mais significativo. Durante as primeiras aulas do curso de mestrado profissional, frequentemente o

¹² Ainda em 2013, a reportagem “Elas nasceram em 8 de março”, de minha autoria, foi capa do jornal-laboratório *Senso InComum* do curso de Jornalismo da UFU. A edição está disponível em: <https://issuu.com/jornalismoufu/docs/senso_incomum_14_web>. Acesso em 29 de abril de 2020.

corpo docente incentivava-nos a nos debruçarmos sobre questões inquietantes, que nos tocava de algum modo. No meu caso, entender como as representações de masculinidade podem impactar na formação das crianças é um capítulo em permanente redação e por isso tornou-se a nossa escolha temática.

Como etapa inicial de formação na produção dessa pesquisa, a revisão bibliográfica sobre infância, gênero e masculinidade iniciou-se logo nos primeiros meses da concepção dessa pesquisa em conjunto à leitura das edições da revista. Ainda na graduação tive a oportunidade de frequentar a disciplina Imprensa, Gênero e Educação, importante catalisadora na pesquisa e desenvolvimento bibliográfico sobre gênero. As disciplinas Tecnologias, Linguagem e Sociedade; e Oficinas de Análises Midiáticas ofertadas durante a pós-graduação também me auxiliaram a entender o texto e contexto d'*O Tico-Tico*.

Inicialmente, definimos que utilizaríamos como suporte e produto final da nossa pesquisa o livro-reportagem-retrato, em vista de que pretendíamos traçar um breve panorama sobre a representação do menino no Brasil ao analisar uma das publicações protagonistas na educação informal das crianças no início do século XX. Para tanto, empregaríamos os mecanismos de entrevista semiestruturada com outros profissionais da área, e não necessariamente leitores d'*O Tico-Tico*, tais como jornalistas, sociólogos, filósofos, psicólogos e ilustradores. Entretanto, durante o momento de nossa qualificação, em diálogo com outros pesquisadores, analisamos que a melhor opção para atender às inquietações aqui presentes seria um produto que demonstrasse, por meio da linguagem visual, essas representações de masculinidade e por meio delas fomentasse o debate.

A escolha do catálogo surge, portanto, como resposta a essa demanda de entender *O Tico-Tico* como um objeto eminentemente gráfico. Acreditamos que a combinação da linguagem jornalística, por meio da narrativa literária, foi acentuada com ferramentas do design gráfico. O suporte impresso permanece, mas com abordagens diferentes da ideia inicial. Dessa forma foi possível explicitar as recorrências presentes nas primeiras edições da revista e permitir que o leitor foque a sua interpretação no material ofertado. Ademais, optamos por declinar das entrevistas semiestruturadas após analisar que os nossos objetivos seriam alcançados com as ferramentas supracitadas.

No que tange aos capítulos do catálogo, enquanto realizávamos a leitura das edições d'*O Tico-Tico* observamos que há três temas que são pilares nas edições de 1906: o trabalho, o corpo e o castigo. Estes tópicos sustentaram o nosso referencial teórico. Dessa forma, estabelecemos que *Batalha contra Gaudério* seria essencialmente dividido em cinco momentos,

com a exceção da apresentação formal do produto e as considerações finais: “O único *triumpho*¹³”, “Trabalhar em direção ao futuro da nação”, “Corpo ~~controlad~~¹⁴ saudável” e “Os castigos do anti-herói”. Cada uma dessas divisões foi iniciada com um texto autoral e seguidas de elementos gráficos que dialogavam com a proposta da discussão.

Em “O único *triumpho*” realizamos uma apresentação da revista e como ela se tornou um objeto de pesquisa. Parto de uma experiência pessoal para iniciar a narrativa. No caso, o aprendizado das sílabas e a primeira palavra que tenho recordação da escrita. Acredito que esse momento primário, de início na aprendizagem da linguagem portuguesa e da possibilidade de interpretação textual, flerta com a ânsia de educação proposta pelos editores d’*O Tico-Tico*. Também, nas primeiras páginas, elencamos em uma arte gráfica palavras emblemáticas para a constituição dos primeiros anos da revista: lealdade, cortesia, honestidade, humildade, esforço e coragem.

Entre os capítulos, apresentamos o poema “Verbo Ser” de Carlos Drummond de Andrade. Leitor d’*O Tico-Tico*, o poeta cresceu enquanto a própria revista tomava os seus primeiros passos. Já adulto, ele compartilhou no poema as suas angústias enquanto envelhecia. Presente no livro *Boitempo II – Menino antigo*, o texto em prosa revela essa relação íntima com o tempo, em busca desse menino do passado. Como já dissemos, Carlos Drummond enxergou a importância da revista no contexto da educação ao entendê-la, de forma pública, como uma “escola disfarçada de brincadeira”. Essa arte gráfica é também uma forma de homenagear o escritor brasileiro.

Os próximos capítulos fomentam cada um dos temas escolhidos para entender as masculinidades presentes nas edições d’*O Tico-Tico*. Em cada um deles introduzimos textos autorais que potencializam a discussão, seguidos de imagens da revista que representam as recorrências por nós apontadas. A primeira delas é do menino enquanto trabalhador, presente no capítulo “Trabalhar em direção ao futuro da nação”. A nossa primeira premissa parte das observações de que, para *O Jornal das Crianças*, seria por meio do trabalho profissional que os meninos se tornariam respeitáveis, em um processo “emancipatório” da construção de suas identidades. Seria por meio da dedicação diária à sua futura profissão que eles seriam reconhecidos por sua moral, ética e responsabilidade.

¹³ Optamos por manter a gráfica original d’*O Tico-Tico* na criação do nosso catálogo, por isso o uso do “ph” no lugar do “f”, como na atual grafia de “triufo”.

¹⁴ A palavra “controlad”, em referência à “controlado”, foi riscado em nosso catálogo enquanto um recurso de conotar o discurso da própria revista, como explicado no produto. Além disso, a proposta é idealizar a palavra sendo “corrigida”, mas ainda presente.

Em consequência, em “Corpo ~~controlad~~ saudável” debatemos a construção da representação do corpo de um menino sadio e que, nas atividades não-escolares, também brincava, divertia-se e, claro, lia *O Tico-Tico*. Um dos objetivos desse menino peralta que se aventurava era ter responsabilidade diante do mundo e de si. Na revista há uma grande quantidade de publicidade voltada para a higiene e vitalidade dos corpos. São vitaminas, roupas, loções, comidas e uma variedade de utensílios que foram veiculadas em formato de anúncio n’*O Tico-Tico* de forma inusitada para aquele momento. Com ilustrações e textos criados pelos próprios jornalistas e desenhistas da revista, a proposta refletia conceitos e representações de uma época preocupada com a saúde das crianças.

Em um terceiro momento, abordamos o castigo como forma de punição e educação das crianças e, em especial, dos meninos. Com regularidade, nas tirinhas veiculadas n’*O Tico-Tico*, especialmente as que contém um dos principais personagens presentes na revista, o Chiquinho, o castigo é visto como uma forma de educar, mas não sob o olhar ameaçador de um abusador, mas de quem visualiza na dor e no sofrimento uma forma de civilizar. Esta constância acontece em um mesmo contexto em que o sentimento de infância aumentava e excitava o cuidado e a proteção aos pequenos. O capítulo é seguindo de uma conclusão, em que realizamos um panorama sobre o conteúdo abordado.

Em sua trajetória, *O Tico-Tico* tentou educar a criança brasileira avessa à ideia de ociosidade, seja no trabalho ou nas ocupações do corpo. *Batalha contra Gaudério* tem esse significado. Na natureza, o pássaro tico-tico é acometido pelo parasitismo de ninhos, um processo estratégico de outras aves em que determinada espécie deposita os seus ovos no ninho de um hospedeiro. Assim, uma das espécies incuba, cria e alimenta a outra como se fosse sua, sem perceber. O chupim é uma das principais aves que realiza essa artimanha com o tico-tico.

A ave, de plumagem preta, contrastada com as do tico-tico, também é popularmente conhecida por anu, corvo, negrinho, vira-bosta, pássaro-preto e, inclusive, engana-tico-tico. Curiosamente, neste mesmo raciocínio, em algumas regiões do Brasil outro nome atribuído ao chupim é *gaudério*. Por metonímia, a palavra faz referência a um indivíduo sem ocupação, ocioso, inativo ou malandro. Assim surge a *nossa* história. O tico-tico é “enganado” por uma espécie parasita e cuida do filhote como se fosse seu. Não por acaso, na ótica humana a espécie ficou conhecida por sua tática aproveitadora, já que durante o período de reprodução ela não faz ninhos e aproveita-se das espécies próximas para gerir os seus filhos. A palavra ganhou um tom pejorativo para classificar aqueles que se recusam a trabalhar.

Cientificamente, quando os parasitas colonizam um hospedeiro, existe uma infecção. Caso a infecção ocasione sintomas, a relação entre hospedeiro e parasita torna-se prejudicial. É o caso, por exemplo, das têias e lombrigas. Contudo, há outras relações em que tanto hospedeiros quanto parasitas podem depender dessa conexão para as suas existências. No caso do tico-tico, o prognóstico do “contágio” pode ser a morte, mesmo que indiretamente. Na maioria das vezes, o filhote de gaudério nasce antes da própria cria de tico-tico e, quando eles nascem, o filhote parasita já está sendo alimentado e as aves da própria espécie não conseguem se desenvolver e morrem, já que são expulsas pelo primogênito.

Batalha contra Gaudério representa essa busca da revista por construir uma masculinidade baseada na edificação de um homem trabalhador, independente e responsável. Para isso, o menino seria educado formalmente nas escolas e civilizado fisicamente quando desobedece a uma norma vigente de comportamento. *O Tico-Tico* está entremeadado nessas camadas institucionais que se propõem a transformar a sociedade. O menino seria saudável, tônico e transpareceria essas características na vitalidade do próprio corpo e de sua moral. Tornar-se um grande homem, como revela o monólogo da edição 42 e presente no catálogo, seria caminhar em direção a um cidadão de valor, que é *alto* no pensamento e no talento. Para fomentar essa concepção de masculinidade, seria preciso combater a ideia de um homem sem valor e *perdido* no ócio.

A partir dessa pesquisa surgiu o título do nosso catálogo. Anterior a esse processo, realizamos a leitura pormenorizada de todas as edições apontadas (edição 01; edição 13 a 63). Enquanto analisávamos os números, já elencávamos e selecionávamos as imagens e textos que poderiam subsidiar as nossas discussões. Após este processo, analisamos todo o material coletado e relacionamos as principais recorrências presentes nas edições. A sistematização nos auxiliou a entender o objeto a partir do prisma metodológico por nós escolhido. Escritos os textos introdutórios de capa capítulo e selecionadas as imagens dentre as disponíveis, partimos para a produção gráfica do catálogo. O catálogo possui 21 centímetros de largura e altura e tem o objetivo de ser impresso futuramente em formato final¹⁵. A escolha por um catálogo impresso vem do entendimento da capilaridade desse tipo de produto e das possibilidades de efetivar as ferramentas do design gráfico, mesmo que entendamos que isso requeira um maior valor de distribuição e impressão.

¹⁵ Optamos por imprimir o catálogo junto à gráficas rápidas, em vista de que a encadernação característica de livros foi inviabilizada, considerando a pequena quantidade de exemplares e do alto valor para a impressão final. Ademais, consideramos que as ponderações da banca poderão potencializar o conteúdo da obra, agregando modificações.

Para tal decisão, tomamos como base a nossa análise de similares, que buscou obras de suporte e temáticas para a concepção do nosso próprio produto. Parte integrante do processo de pesquisa, investigamos catálogos e livros que se assimilam à *Batalha contra Gaudério*. Enquanto obras de suporte, isto é, que têm como base o amparo de linguagens visuais e narrativas robustas, escolhemos o “Almanaque 1964: Fatos, histórias e curiosidades de um ano que mudou tudo (e nem sempre para melhor)”¹⁶ (2014), de Ana Maria Bahiana; “A Sociedade Cavalieri (1585 – 1914)”¹⁷ (2015) com curadoria de Pierre Menard; e “J. Carlos – Originais”¹⁸ (2019), de organização de Cássio Loredano, Julia Kovensky e Paulo Roberto Pires. Enquanto obras temáticas, utilizamos “O Tico-Tico: centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil”¹⁹ (2005), de organização de Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos.

A obra foi escrita, diagramada e ilustrada pelo mestrando, sendo um trabalho que parte de uma narrativa autoral. As imagens d’*O Tico-Tico* utilizadas no catálogo são de domínio público, em vista de que estão disponíveis na Biblioteca Nacional, e podem ser usadas livremente, considerando que contam com a autorização de publicação do titular do direito autoral. As imagens utilizadas têm a finalidade ilustrativa e documental, com a intenção de analisar e expor o que representam. Além disso, por ser uma pesquisa científica, o catálogo toma características ainda mais específicas ao promover o conhecimento e sua divulgação, diversificando e promovendo o acervo da Biblioteca Nacional.

3.4. Exequibilidade e aplicabilidade

O trabalho de criação do catálogo temático e pesquisa durou aproximadamente dois anos e três meses, considerando o acompanhamento das disciplinas do curso de mestrado profissional, a pesquisa e o desenvolvimento do produto final, o catálogo, e o relatório final.

¹⁶ A jornalista e escritora brasileira realiza um levantamento de dados datados de 1964. A escrita da autora retrata os fatos a partir de perspectivas mínimas que, vistas a partir de um mosaico de acontecimentos, representam o ano em que o Brasil começava a viver uma ditadura civil-militar e restrição aos direitos individuais. A obra foi construída com muitas fotos, texto informativo e um design memorável.

¹⁷ O catálogo é resultado da exposição da Caixa Cultural que conta a história ficcional de uma sociedade secreta de artistas que atuou na Europa por mais de 300 anos. Contudo, Pierre Menard na verdade é um personagem de um conto do autor argentino Jorge Luis Borges. A exposição foi encabeçada pelo artista curitibano Pierre Lapalu. O catálogo expõe as principais obras da exposição enquanto tece informações sobre o assunto.

¹⁸ A produção realizada pelo Instituto Moreira Salles (IMS) é resultado da exposição artística das ilustrações originais de J. Carlos. O artista é um dos principais ilustradores d’*O Tico-Tico* e analisar este catálogo foi de grande relevância para a concepção do nosso próprio produto. Dividido em seis capítulos, cada um deles é iniciado com um texto literário e introdutório sobre o ilustrador, que revela panorama das produções das obras. As páginas de alta gramatura valorizam a impressão das ilustrações enquanto traçam a identidade de J. Carlos.

¹⁹ A obra apresenta um conteúdo crítico-literário que introduz fatos, histórias e imagens relacionadas à revista. Lançado em 2005, o livro é também uma forma de celebrar os 100 anos desde a primeira edição d’*O Tico-Tico*. O propósito do livro é, da mesma forma, realizar uma análise jornalística, em vista da importância da publicação para o século XX. O design do produto é arrojado e flerta com as artes gráficas publicadas na revista.

Essencialmente, o primeiro ano do curso da pós-graduação foi dedicado à leitura de textos relacionados ao tema de pesquisa e o segundo destinado à leitura das edições d’*O Tico-Tico* que compõem o nosso recorte histórico, análise e escrita dos textos do catálogo e diagramação da obra, sendo este segundo momento o mais árduo, moroso e complexo. O relatório de qualificação foi escrito concomitante ao desenvolvimento do catálogo. Ambos foram finalizados ainda em maio de 2020.

Após a defesa do produto e ratificações sugeridas durante o período de avaliação, espera-se estudar diferentes estratégias para a publicação do catálogo, tais como: a) editoras especializadas, como as universitárias e independentes; b) mecanismos independentes de fomento público, como os editais culturais – o Itaú Cultural e o Programa Municipal de Incentivo à Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia são reconhecidos na área; c) disponibilização em plataforma digital para dispersão gratuita. A proposta é distribuir a obra gratuitamente em instituições públicas (como escolas, universidades e bibliotecas) ou vendê-la a preço de custo a fim de que possa financiar os valores de impressão e registro.

A tabela abaixo representa uma estimativa de gastos reais com o catálogo. Destacamos que a maioria das funções foi desempenhada pelo próprio mestrando e os equipamentos já haviam sido adquiridos. Tratando-se de uma estimativa, a proposta é vislumbrar os custos da produção executiva de *Batalha contra Gaudério*, incluindo a escrita e diagramação, as principais atividades executadas no processo de pesquisa.

Recursos	Qtde.	Unidade	Valor/Unid.	Valor total:
Jornalista	12	Mês	R\$2.270,00 ²⁰	R\$27.240,00
Revisor	210	Lauda	R\$8,00 ²¹	R\$1.680,00
Direção de arte do Projeto Gráfico	1	Serviço	R\$6.350,00 ²²	R\$6.350,00
Diagramação	204	Páginas	R\$55,00 ²²	R\$11.220,00

²⁰ Piso salarial em Minas Gerais consultado na Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

²¹ Valor médio encontrado em mercado ao consultar três profissionais.

²² Valor proposto pela Associação dos Designer Gráficos do Distrito Federal (ADEGRAF), referência para todo o território brasileiro.

Notebook Dell Inspiron 15 5000	1	Aparelho	R\$3.410,00 ²³	R\$3.410,00
Microsoft 365 Family ²⁴	12	Mês	R\$29,90	R\$299,00
Pacote Adobe	12	Mês	R\$270,00	R\$3.240,00
Valor total do projeto:				R\$50.439,00

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os valores gastos com a impressão de duas unidades do catálogo custaram R\$460. Como destacado, preferimos realizar a impressão por meio de gráficas rápidas, considerando a própria dinâmica de funcionamento destas²⁵. Nos orçamentos solicitados para a impressão no formato ideal para o catálogo (isto é, com lombada, papéis específicos e outras características do impresso) houve a exigência, por parte das empresas, de um grande volume de exemplares. Além disso, pela natureza do momento, também reforçamos que as considerações a serem realizadas pela banca de defesa do Mestrado terão impacto na produção final do catálogo.

²³ Valor disponível no site da própria marca. Consulta em 30 de abril de 2020.

²⁴ Valor disponível no site da própria marca. Consulta em 30 de abril de 2020.

²⁵ Quanto maior o número de unidades de um livro a ser impresso em uma gráfica, menor o seu valor de custo unitário. Isto ocorre devido aos equipamentos utilizados para a impressão final do produto. Gráficas rápidas utilizam equipamentos de impressão digital e as especializadas na impressão de livros utilizam a impressão offset. Este segundo tipo emprega placas específicas para a grande tiragem, sendo a técnica mais utilizada conhecida como “CtP”, sigla para “*Computer-to-plate*”, em que a chapa é gravada por meio de um laser controlado por um computador. A produção dessas placas pode ser cara, mas este valor é dissolvido na alta tiragem dos produtos. Por isso, costumeiramente, menores quantidades podem ter um custo-benefício menor ou pior: são recusadas como pedido de orçamento nas gráficas especializadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A batalha empreendida pela revista *O Tico-Tico* é uma luta contra qualquer fonte de preguiça e ociosidade presente no cotidiano infantil. Para isso, o castigo, a punição e a disciplina do corpo masculino eram ferramentas para a administração de uma educação voltada ao trabalho. *O Jornal das Crianças* é o retrato de sua época, vinculado a um processo civilizador que normatizava comportamentos e instruía crianças a ofícios capazes de mudar o contexto da nação. No momento inaugural de sua história, a revista buscou a transformação dos meninos em grandes homens. Sabemos que os resultados comerciais foram positivos por três décadas, até encontrarem dificuldades em se modernizarem diante das novas formas de entretenimento.

A pesquisa de uma revista como *O Tico-Tico* é de grande responsabilidade. O impresso se propôs a formar os meninos em fase de alfabetização de diferentes lugares do Brasil. *O Jornal das Crianças* desempenhou um papel grande ao fomentar a leitura em seus consumidores por meio de textos que reforçavam os bons comportamentos e empregavam conselhos do melhor caminho à formação de suas identidades pessoais e profissionais.

O Tico-Tico traçou a imagem de um futuro em que eles, os meninos – brancos, católicos e de classe média – protagonizavam ilustrações, contos e narrativas que os colocavam no centro da renovação social e cultural do século XX. Os primeiros anos de sua publicação representam essa busca por uma semelhança a uma figura de sucesso, geralmente associada à imagem estética europeia, que simultaneamente tentava-se se adaptar às condições do país agrícola e de dimensões continentais. O fio condutor de suas publicações entre 1905 e 1906 encontra no projeto editorial voltado exclusivamente a eles uma justificativa para a sua existência. A aversão sanitarista e, por vezes, eugênica ao sujo e ao vagabundo são narrativas que dividem espaço à promoção do trabalho digno.

A tensão no Rio de Janeiro estava presente nas páginas d'*O Jornal das Crianças*. Enquanto a cidade buscava se urbanizar, transformar as suas avenidas e porto de chegada, *O Tico-Tico* transportava para a leitura as maravilhas do novo século. Naquele tempo e espaço, Rio de Janeiro era *outro*. Os anos iniciais da revista representam o prelúdio de uma vida em transformação nos costumes da época. Novas roupas, novas formas de se relacionar, novos meios de transporte, novas ferramentas de comunicação, são exemplos de elementos que se transformaram ao longo do último século.

O Tico-Tico é uma das evidências da história da imprensa de que a educação não é encontrada apenas nas escolas, nos espaços formais de ensino. Ela também está imbrincada nas minúcias, nas pequenas relações e nos círculos sociais privados. Ela acontece com o pó, giz e

quadro negro e coexiste à transmissão de conhecimentos nos ambientes informais e nas ânsias daqueles que desejam entender o *mundo*.

Politicamente, o reforço de uma masculinidade voltada ao trabalho perdurou por muito tempo na sociedade brasileira, enquanto avançavam os reforços dos direitos da *criança* e da *família*. Ainda em meados do século XX, em 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração dos Direitos da Criança, adaptada da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Em seus dez princípios, há o reforço de que os pequenos devem ser respeitados para que possam viver com dignidade, amor e carinho, protegidos pela Lei. “As crianças têm o direito a crescer com saúde”, “toda criança deve crescer em um ambiente de amor” e “toda criança tem direito de receber educação primária gratuita” são alguns dos preceitos estabelecidos pelo documento. A DUDH ainda fortalece que a família é o núcleo natural e fundamental da sociedade, com direito à proteção da sociedade e do Estado.

Com o fortalecimento de políticas publicadas voltadas a elas, paulatinamente o trabalho infantil deixou de ser uma prioridade na narrativa moderna de suas vidas. O castigo, mesmo que ainda presente em nosso cotidiano, deixou de ser aplicado como principal forma de coerção dos meninos. A educação ainda é prioridade, mas encontra em seu caminho as dificuldades de alcançar toda a população brasileira. Em dados divulgados em 2019 pelo IBGE, na Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua, o Brasil ainda possui 11,3 milhões de analfabetos acima de 15 anos. A sua taxa ainda é considerada alta, em vista de que não atingiu a meta do Plano Nacional de Educação para 2015. Podemos questionar: até que ponto esses dados refletem historicamente um sintoma social e cultural de exclusões dos mais pobres? A leitura do nosso trabalho pode oferecer observações iniciais às respostas para essa pergunta.

Um panorama levantado pelo Mapa do Trabalho Infantil, da Rede Peteca – Chega de Trabalho Infantil, revela que frases como “é melhor trabalhar do que roubar”, “trabalhar não mata ninguém” e “o trabalho enobrece” ainda estão presentes em uma realidade em que o trabalho infantil é reforçado. Assim, 1,8 milhões de crianças e adolescentes trabalham no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Os dados podem aumentar vertiginosamente se considerarmos a subnotificação junto ao trabalho análogo à escravidão. Nesta amostragem, segundo o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), duas a cada três crianças em situação de trabalho infantil são do sexo masculino. As meninas estão presentes no âmbito doméstico e representam 94% dessa população grandiosa. A educação é esta prioridade, mas não para todos. O trabalho infantil é negado politicamente, mas ainda está presente nas vidas de milhares de crianças. *O que permanece, o que se dilui?*

Colocar todos os leitores d'*O Tico-Tico*, assim como todas as crianças na contemporaneidade, em um único enredo seria negar as suas próprias possibilidades de narrativa e de autonomia. Seria generalizar as percepções de masculinidade e traçar uma pasteurização da própria construção humana. Há, contudo, um perfil n'*O Tico-Tico* que prevalece, aquele que traçamos em nosso catálogo e buscamos entender em sua tessitura. Por criar um produto temático a partir dos pilares do castigo, corpo e trabalho, optamos por suprimir uma série de outros valores empregados na estrutura social desse processo civilizador. Aqui, o nosso convite aos demais pesquisadores a entender *O Jornal das Crianças* em coletividade e por meio do diálogo.

Em *Batalha contra Gaudério*, em conjunto a este relatório técnico, buscamos refletir este curto espaço de tempo em que *O Tico-Tico* surgiu. Em um momento em que o Brasil se fantasiava para a *sua* modernidade, a narrativa de seus editores buscou a formação de seus leitores por meio de um conteúdo educativo e divertido. Na concepção do catálogo, as nossas próprias memórias evocam os sentimentos presentes em nosso cotidiano infantil. Foi por meio delas que guiamos essa obra. Permitimo-nos não as ignorar, mas fazê-las presentes nos elementos de nossa narração. Assim, enquanto percorríamos os diferentes percalços da história do nosso país e da masculinidade desses pequenos meninos, descobríamos as fissuras do nosso próprio tempo, os diagnósticos de suas existências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANTINO, Marcia. E eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência Vivida**. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BOMENY, Maria Helena Werneck. **O panorama do design gráfico contemporâneo: a construção e desconstrução e a nova ordem**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo. São Paulo, 2009.

BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, [S.l.], p. 24-46, jan. 2017. ISSN 1519-9029. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9986>>. Acesso em 31 de maio de 2019. <https://doi.org/10.22633/rpge.v21.n1.2017.9986>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

CAMPOS, Raquel Discini de. Phillippe Ariès: A Paixão pela História. **Cadernos De História Da Educação**, 11 (1). Uberlândia, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/17542>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

_____. **A "Princesa do Sertão" na Modernidade Republicana.** São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920 - 1940): educação e história.** São Paulo, Editora UNESP, 2009.

CHAMULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** In: Estudos Avançados, vol. 11, 1991. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano de trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da virilidade** (3 vols.). Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890 – 1914: no tempo das certezas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2013.

_____. (Orgs.) **História do Corpo no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história de costumes.** Volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FIUZA, Marysia Malheiros. Funções e desenvolvimento do catálogo: uma visão retrospectiva. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. V.9, n. 2, p. 139-158. Belo Horizonte: UFMG, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo: arte conceitual no Museu**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

MARTINS, Ana Luiza. **Revista em Revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos "anos 1968". In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NECCHI, Vitor. A impertinência da denominação “jornalismo literário”. VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. **Intercom**, 29 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2019.

O TICO-TICO. Rio de Janeiro: Sociedade Anônima O Malho, 1905-1906. Semanal. Acervo

da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>>. Acesso em 26 de maio de 2020.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1953.

PARADA, Maurício. Corpos infantil e nacional: políticas públicas para a criança durante o Estado Novo. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>

PERROT, Mihcelle. **História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2019.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna. **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975.

SANT'ANNA, Denise Bermuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SCHNOOR, Eduardo. "Riscando o chão": masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Sergio Gomes da. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15. 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de maio de 2019.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>

SILVEIRA, Paulo Antônio. Identidades e poderes do catálogo de exposição. In: XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 14., 2004, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida Para o Século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Literatura como missão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Marcelo Freire Pereira de. **Jornalismo de Revista para Dispositivos Digitais: uma tipologia centrada na convergência de conteúdo**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013, p. 22-42.

TILIO, Rafael De. Teorias de Gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero**, v. 14, n. 2, p. 125-147. 2014. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/626/380>>. Acesso em 27 de maio de 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.). **O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. O Tico-Tico e a expansão do escotismo no Brasil. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.). **O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. **Jornalismo & Literatura**. 2008. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/ensaios/jornalismo-literatura/>>. Acesso em: 16 de maio de 2019.

WORLD CULTURE SCORE FOR READING. Disponível em:
<<http://www.typographicalera.com/tag/world-culture-score-index/>>. Acesso em 13 de maio de
2019.